

5. Imagens dos Alunos sobre Os professores

Serão abordados os aspectos das práticas pedagógicas, dentro e fora da sala de aula, o tipo de comunicação mais frequente, o tipo de autoridade exercida pelos professores e as relações com os alunos em diferentes contextos.

Serão, ainda, analisadas as respostas relativas à perspectiva dos alunos sobre o bom professor não só através das qualidades preferidas nos professores e dos aspectos mais salientes encontrados em professores de que os alunos menos gostaram, como também, sobre a perspectiva global que têm sobre o que é ser um bom professor.

Para cada aspecto considerado – salvo para a apreciação global sobre o que é ser bom professor - começaremos por apresentar as respostas que obtivemos dos alunos seguidas do estudo das variações de opinião segundo a idade, o género e o ciclo de estudos frequentado.¹

5.1.As práticas pedagógicas dos professores

Analisaremos as práticas pedagógicas nas seguintes dimensões: Ensinar, Abrir caminhos de auto-aprendizagem e Materiais pedagógicos utilizados.

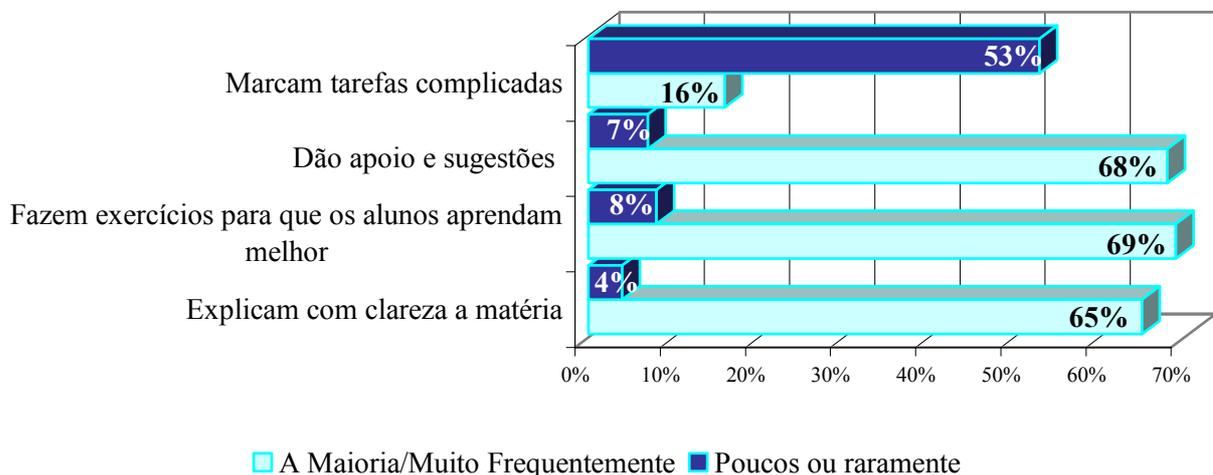
5.1.1. Ensinar

Procuramos conhecer o modo como os alunos apreciam o modo de ensinar dos professores através de quatro questões; nas duas primeiras – explicar as matérias com clareza

¹ Procedemos, também ao estudo segundo o Nível de Instrução Familiar e o Histórico Escolar ao nível da existência ou não de retenções dos respondentes mas decidimos não os apresentar por economia de texto e, sobretudo, porque entendemos que nos desviava dos objectivos deste estudo tendo sido, também, ponderado o facto de as variações ocorridas não se afigurarem esclarecedoras face ao que se pretendia compreender.

e fazer exercícios de apoio à compreensão das matérias dadas – perguntámos se essa actuação era ou não geral (numa escala em cinco posições que ia de todos a nenhuns) enquanto que nas duas restantes – dar apoio e sugestões quando os alunos têm dificuldades e marcar tarefas complicadas sobre as quais não é dado feedback aos alunos – interrogámos os alunos sobre a frequência com que ocorriam.

5.1.1.1. A frequência das respostas



Como o gráfico anterior permite evidenciar uma expressiva maioria dos respondentes afirma que a maioria, ou mesmo todos os professores explicam a matéria com clareza e que fazem exercícios para ajudar os alunos a compreender melhor as matérias dadas; ainda a maioria considera que os professores muito frequentemente dão apoio e sugestões quando um aluno apresenta dificuldades na resolução de fichas ou na compreensão da matéria enquanto que uma maioria, menos significativa, assume que raramente marcam tarefas complicadas que muitas vezes não corrigem e de que os alunos não chegam a receber feedback.²

² Como tivemos ocasião de referir, não apresentamos as respostas intermédias e somamos as extremas atribuindo-lhes uma designação simplificada. Assim: todos e a maioria é designado “a maioria”, poucos ou

Pode, assim, considerar-se que a opinião dos alunos sobre o modo de ensinar dos professores é maioritariamente muito favorável.

Atendendo ao que os alunos inquiridos nos disseram sobre a dimensão ensinar podemos entender que a imagem que têm do professor é um misto entre o que Blin (2001) e Altet (2000) chamam de mestre e de pedagogo ou que Ben-Peretz chama de maestro. Para os nossos respondentes o professor é alguém que tem a capacidade de transformar a informação em saber, que tem o conhecimento do especialista de que fala Ferreira-Alves (2001), que define a natureza das performances e o formato e o tom das produções, que faz escolhas de práticas relacionadas com os conteúdos e com o processo de ensinar, de transmitir conhecimentos e de controlar a sua aquisição, mas que se preocupa também com o guiar dos alunos através das suas aprendizagens e na previsão das dificuldades que podem vir a ser sentidas. O professor é ainda aquele que ministra conhecimentos e que é capaz de explicar a matéria de forma que os pontos essenciais desta são perfeitamente claros, aproximando-se assim do professor fornecedor de informação e de modelo profissional de que nos falam Harden e Crosby (2000).

5.1.1.2. Variações das respostas pelo perfil dos respondentes

5.1.1.2.1. Segundo o género

Os rapazes são quem mais assume que os professores marcam tarefas complicadas e muitas vezes ou não corrigem ou, nas avaliações os alunos, não chegam a saber o que fizeram bem ou mal.

nenhuns é designado “poucos”. Com as devidas adequações foi sempre esta a designação utilizada para a apresentação gráfica da frequências as respostas.

As raparigas, por sua vez, são as que mais afirmam que os professores explicam com clareza e dão apoio e sugestões quando um aluno apresenta dificuldades na resolução de fichas, trabalhos ou na compreensão de matérias.

As opiniões de rapazes e raparigas não variaram relativamente à realização de exercícios de consolidação.

4.1.1.2.2. Segundo a idade

A maioria dos alunos em todas as faixas etárias consideradas manifesta uma opinião positiva sobre o modo como os professores ensinam. Essa opinião, sempre maioritariamente positiva, diminui à medida que a idade aumenta, como pode ver-se, de seguida, caso a caso.

Explicar a matéria com clareza

Como o quadro seguinte permite verificar a maioria dos alunos em todas as faixas etárias assume que os professores explicam as matérias com clareza; essa maioria, contudo, diminui à medida que aumenta a idade dos respondentes.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	Total
Explicar com clareza					
Poucos ou nenhuns	17 2%	31 3%	59 5%	17 6%	124 04%
Alguns	164 21%	268 30%	389 36%	118 38%	939 31%
A maioria ou todos	595 77%	601 67%	641 59%	172 56%	2009 65%
TOTAL	776 100%	900 100%	1089 100%	307 100%	3072 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2 = 79,24$

Probabilidade observada=0,00

Fazer exercícios para que os alunos entendam melhor

Tal como no caso anterior a opinião favorável, sempre maioritária, diminui à medida que a idade aumenta.

Idade	10 a 12 anos	13 a14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Fazem exercícios para que os alunos entendam melhor					
Poucos ou nenhuns	54 07%	62 07%	103 09%	32 10%	251 08%
Alguns	131 17%	172 19%	305 28%	102 33%	710 23%
A maioria ou todos	586 76%	665 74%	677 62%	171 56%	2099 69%
TOTAL	771 100%	899 100%	1085 100%	305 100%	3060 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2 = 74,68$

Probabilidade observada=0,00

Dar apoio e sugestões em dificuldades

Também as opiniões sobre o apoio dado e as sugestões feitas aos alunos em casos de dificuldades diminuem à medida que a idade aumenta, sendo, em todas as situações consideradas claramente maioritárias.

Idade	10 a 12 anos	13 a14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Dão apoio e sugestões em dificuldades					
Raramente	30 04%	61 07%	92 08%	22 07%	205 07%
Algumas vezes	121 16%	223 25%	332 31%	109 36%	785 26%
Frequentemente	619 80%	613 68%	663 61%	169 56%	2064 68%
TOTAL	770 100%	897 100%	1087 100%	300 100%	3054 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2 = 98,84$

Probabilidade observada=0,00

Marcar tarefas complicadas e não dar feedback

Como o quadro seguinte permite verificar a maioria dos alunos considera que é pouco frequente que os professores marquem tarefas complicadas que não corrigem ou sobre as quais os alunos não chegam a saber o que fizeram bem ou mal. Essa maioria diminui à medida que a idade aumenta baixando até aos 44% entre os mais velhos que são os que manifestam, em todos os casos, como já pudemos observar, opiniões menos favoráveis.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Marcam tarefas complicadas e não dão feedback					
Raramente	485 63%	492 55%	525 48%	131 44%	1633 53%
Algumas vezes	157 20%	267 30%	384 35%	111 37%	919 30%
Frequentemente	131 17%	138 15%	179 16%	56 19%	504 16%
TOTAL	773 100%	897 100%	1088 100%	298 100%	3056 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=64,55$

Probabilidade observada=0,00

5.1.1.2.2. Segundo o ciclo

As variações com o ciclo de ensino frequentado seguem a mesma tendência das encontradas relativamente à idade, ou seja, a maioria dos alunos em todos os ciclos de estudo considerados manifesta uma opinião positiva sobre o modo como os professores ensinam mas essa opinião, positiva diminui à medida que aumenta o ciclo de estudos, como pode ver-se, de seguida, caso a caso.

Explicar a matéria com clareza

Como era esperável, dada a distribuição por idades, a maioria dos alunos de todos os ciclos assume que todos ou a maioria dos professores explica as matérias com clareza. Tal como no caso citado essa maioria diminui à medida que o ciclo de estudos frequentado é mais avançado.

Explicam com clareza as matérias	Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
	Poucos ou nenhuns		16 02%	51 03%	57 07%
Alguns		123 18%	477 31%	340 39%	940 31%
A maioria ou todos		548 80%	987 65%	473 54%	2008 65%
TOTAL		687 100%	1515 100%	870 100%	3072 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=115,22$

Probabilidade observada=0,00

Fazer exercícios para que os alunos entendam melhor

De novo, a maioria dos alunos de todos os ciclos assume que todos ou a maioria dos professores fazem exercícios para que os alunos entendam melhor a matéria; essa maioria diminui à medida que o ciclo de estudos frequentado é mais avançado.

Fazem exercícios para que os alunos entendam melhor	Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
	Poucos ou nenhuns		46 07%	109 07%	96 11%
Alguns		112 16%	296 20%	303 35%	711 23%
A maioria ou todos		525 77%	1108 73%	465 54%	2098 69%
TOTAL		683 100%	1513 100%	864 100%	3060 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=126,21$

Probabilidade observada=0,00

Dar apoio e sugestões em dificuldades

Como quadro seguinte permite verificar, de novo, em todos os ciclos considerados a maioria dos respondentes assume que é muito frequente os professores darem apoio e sugestões quando os alunos têm dificuldades; de novo, também, a maioria decresce à medida que os alunos avançam no ciclo de estudos.

Dão apoio e sugestões em dificuldades	Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
	Raramente	26 04%	105 07%	74 09%	205 07%
Algumas vezes	93 14%	395 26%	298 35%	786 26%	
Frequentemente	564 83%	1010 67%	489 57%	2063 68%	
TOTAL	683 100%	1510 100%	861 100%	3054 100%	

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=116,38$

Probabilidade observada=0,00

Marcar tarefas complicadas e não dar feedback

A maioria dos alunos, em todos os ciclos considera que é pouco frequente os professores marcarem tarefas complicadas para depois não as corrigirem ou não darem feedback aos alunos sobre o modo como as executaram; de novo a maioria diminui à medida que aumenta o ciclo de estudos.

Marcam tarefas complicadas e não dão feedback	Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
	Raramente	422 62%	837 55%	373 43%	1632 53%
Algumas vezes	135 20%	458 30%	327 38%	920 30%	
Frequentemente	127 19%	219 14%	158 18%	504 16%	
TOTAL	684 100%	1514 100%	858 100%	3056 100%	

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=75,84$

Probabilidade observada=0,00

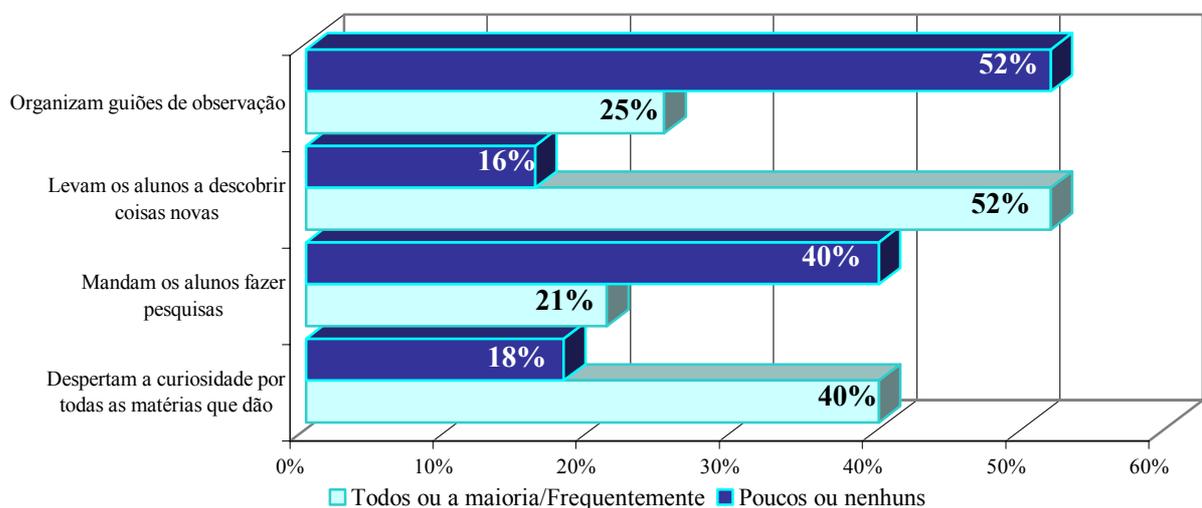
5.1.2. Abrir caminhos de auto-aprendizagem

Espera-se do professor que ensine mas, também, que ensine os alunos a aprender autonomamente abrindo-lhes caminhos de auto-aprendizagem.

Procuramos saber até que ponto os alunos se apercebiam de estratégias dos professores que fossem nesta direcção. Para tal perguntamos-lhes se nas aulas os professores despertavam a curiosidade pelas várias matérias que dão e se mandavam fazer pesquisas; quisemos, ainda saber com que frequência os professores os levavam a descobrir coisas novas através do que já sabiam anteriormente e se, para as visitas de estudo organizavam guiões de observação para eles preencherem e poderem posteriormente construir textos, desenhos ou reportagens.

De seguida, apresentaremos os resultados obtidos bem como as variações estatisticamente significativas que encontramos.

5.1.2.1.Frequência das respostas



Como o gráfico anterior permite verificar uma escassa maioria dos alunos considera que é frequente que os professores levem os alunos a descobrir coisas novas a partir de

conhecimentos anteriores, apenas 40% dos alunos admite que todos ou a maioria dos professores desperta curiosidade por todas as matérias que dá; quanto às outras questões propostas os níveis de respostas positivas não ultrapassa os 25%, sendo de referir que a maioria assume que raramente os professores organizam guiões de observação para serem preenchidos pelos alunos.

Comparando este gráfico com o anterior parece-nos lícito concluir que as práticas profissionais se centram mais na preocupação de ensinar bem do que de abrir caminhos de auto-aprendizagem aos alunos.

5.1.2.2. Variações das respostas pelo perfil dos respondentes

Apresentaremos as variações segundo o género, a idade e o ciclo frequentado.

5.1.2.2.1. Segundo o género

As raparigas consideram mais do que os rapazes que os professores despertam curiosidade sobre as diferentes matérias enquanto que os rapazes assumem mais do que as raparigas que os professores mandam fazer pesquisas e elaborar guiões de observação.

Não se registam variações estatisticamente significativas no que se refere à prática de levar os alunos a descobrir coisas novas a partir de conhecimentos anteriores.

5.1.2.2.2. Segundo a idade

Em três das quatro questões suscitadas as opiniões mais favoráveis pertencem aos mais novos. Analisaremos, de seguida, as diferentes situações.

Despertar curiosidade pelas várias matérias

Como o quadro seguinte permite verificar só os mais novos assumem maioritariamente que a maioria ou mesmo a totalidade dos professores lhes desperta curiosidade pelas diferentes matérias, Curiosamente os mais velhos, seguidos de muito perto pelos mais novos, são os que menos consideram que poucos ou nenhuns professores despertam curiosidade.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Despertam curiosidade pelas diferentes matérias					
Poucos ou nenhuns	93 12%	180 20%	233 21%	33 11%	539 18%
Alguns	234 30%	389 43%	501 46%	173 57%	1297 42%
A maioria ou todos	447 58%	333 37%	353 32%	100 33%	1233 40%
TOTAL	774 100%	902 100%	1087 100%	306 100%	3069 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=161,20$

Probabilidade observada=0,00

Mandar fazer pesquisas

Como o quadro seguinte permite verificar a maioria dos alunos considera que nenhuns, poucos ou, no máximo, alguns professores os mandam fazer pesquisas. Ao contrário do que esperávamos, são os mais velhos - que já não se encontram em idade escolar

correspondente aos níveis de ensino considerados - a manifestarem uma opinião menos desfavorável³.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	Total
Mandam fazer pesquisas					
Poucos ou nenhuns	328 42%	368 41%	451 41%	93 30%	1240 40%
Alguns	280 36%	346 38%	431 40%	142 47%	1199 39%
A maioria ou todos	165 21%	189 21%	205 19%	70 23%	629 21%
TOTAL	773 100%	903 100%	1087 100%	305 100%	3068 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=17,42$

Probabilidade observada=0,01

Talvez que estes alunos mais velhos tenham expressado esta opinião porque, na sua maioria, são os alunos que provêm do ensino profissional, que provêm de uma escola de segunda oportunidade. Talvez sejam estes aqueles que alguma vez abandonaram a escola e depois a ela voltaram para adquirirem um diploma. Talvez por isso a forma de trabalhar com estes alunos seja diferente, talvez que, para estes, as estratégias tenham de ser repensadas, tenham de ser mais criativas para corresponder às suas expectativas e motivações e até aos conhecimentos práticos que já adquiriram. Talvez que, porque os professores não os sintam pressionados pelas notas, pelas médias, pelos exames nacionais em que as matérias são testadas e lhes permitem ou não a entrada no ensino superior, se sintam mais motivados para desenvolver a capacidade de aprender a aprender.

³ Se não considerássemos os alunos mais velhos – que claramente se não encontram já em idade escolar – não se registaria variação significativa com a idade dos respondentes (probabilidade observada=0,50)

Levar os alunos a descobrir coisas novas através do que já sabiam anteriormente

Na linha da maioria das variações verificadas com a idade, são os alunos mais novos a ter uma opinião mais favorável, opinião que decresce com a idade chegando, entre os mais velhos, a tornar-se minoritária, como pode verificar-se no quadro seguinte:

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Levam os alunos a descobrir coisas novas					
Raramente	116 15%	147 16%	180 17%	44 15%	487 16%
Algumas vezes	195 25%	271 30%	388 36%	135 45%	989 32%
Frequentemente	461 60%	476 53%	518 48%	120 40%	1575 52%
TOTAL	772 100%	894 100%	1086 100%	299 100%	3051 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=54,28$

Probabilidade observada=0,00

Organizar guiões de observação

A maioria dos alunos considera que é raro que os professores organizem guiões de observação para os alunos preencherem aquando de passeios ou visitas de estudo que lhes permitam posteriormente registar o que observaram. A opinião favorável, sempre minoritária, decresce à medida que aumenta a idade dos respondentes, como pode ver-se no quadro seguinte:

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Organizar guiões de observação					
Raramente	332 44%	474 53%	599 55%	165 55%	1570 52%
Algumas vezes	154 20%	207 23%	245 23%	87 29%	693 23%
Frequentemente	274 36%	212 24%	241 22%	47 16%	774 25%
TOTAL	760 100%	893 100%	1085 100%	299 100%	3037 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=70,60$

Probabilidade observada=0,00

5.1.2.2.3. Segundo o ciclo

Em todas as situações consideradas a opinião favorável diminui à medida que o ciclo de estudos aumenta⁴.

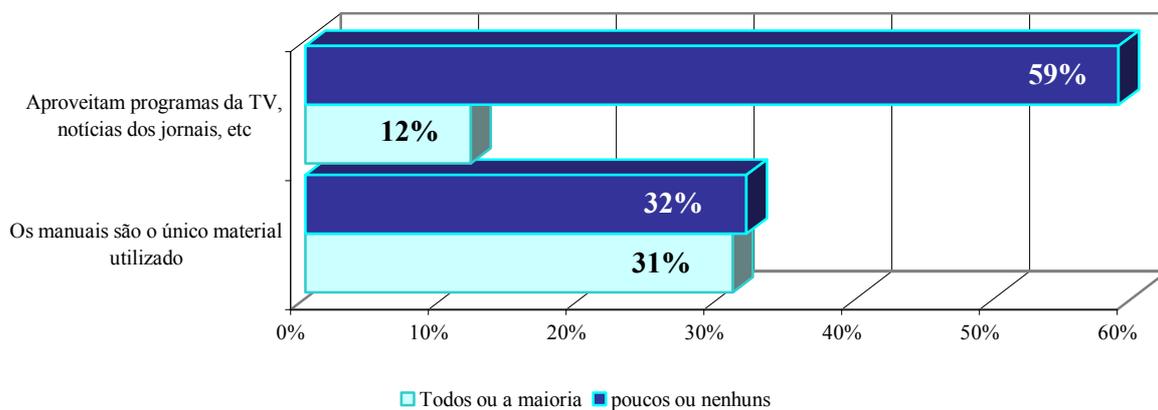
5.1.3. Materiais pedagógicos utilizados

Admitimos duas hipóteses possíveis relativamente aos materiais utilizados, uma mais conservadora, que se traduz pelo recurso exclusivo ao manual para dar matérias novas e outra mais adaptada à realidade actual, com o aproveitamento de programas de televisão, notícias dos jornais ou recurso ao computador ou à Internet.

⁴ . Não se apresentam os quadros de variações por economia de texto.

5.1.3.1.A frequência das respostas

Como o gráfico seguinte permite verificar, os alunos dividem-se quanto ao uso exclusivo pelos professores dos manuais escolares para dar os assuntos novos mas existe uma maioria clara que afirma que poucos ou nenhuns professores se socorrem dos meios de comunicação social e do recurso às tecnologias digitais para dar alguns temas.



Os resultados que aqui nos surgem fazem-nos recordar a opinião expressa por Esteve (2001) de que o professor não se conseguiu ainda adaptar ao mundo de novos fenómenos, sociais e tecnológicos, em que está inserido e em que necessita de dominar as novas tecnologias. Embora não tenhamos interrogado os professores sobre o assunto recordámos as entrevistas que realizamos em 2004 e 2005, no âmbito do estudo internacional sobre E-learning no âmbito do CSEE e publicado em 2006, quer aos professores dinamarqueses quer aos professores portugueses, e em que uns e outros aventam a hipótese de usarem menos vezes materiais pedagógicos diferentes dos manuais e retirados dos meios de comunicação por receio de não dominarem completamente a tecnologia, de se exporem perante alunos que de certeza são mais proficientes que eles próprios no uso das TIC.

5.1.3.2. Variações das respostas pelo perfil dos respondentes

Apresentaremos de seguida o sentido das variações encontradas segundo o género, a idade e o ciclo de estudos frequentado.

5.1.3.2.1. Segundo o género

Os rapazes são quem mais assume que os manuais são o único material usado para dar os assuntos novos.

As opiniões não variam relativamente ao uso de instrumentos pedagógicos menos tradicionais.

5.1.3.2.2. Segundo a idade

Analisaremos, de seguida as variações das respostas em cada situação proposta.

Os manuais são o único material usado para dar a matéria

Como o quadro seguinte permite verificar são os mais novos que mais assumem que todos ou a maioria dos professores recorre, exclusivamente, ao manual para dar as matérias. A maioria relativa dos restantes assume que alguns professores o fazem.

Idade	10 a 12 anos	13 a14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Mandam os alunos fazer pesquisas					
Poucos ou nenhuns	232 30%	303 34%	350 32%	93 30%	978 32%
Alguns	236 31%	325 36%	460 43%	122 40%	1143 37%
A maioria ou todos	302 39%	273 30%	271 25%	90 30%	936 31%
TOTAL	770 100%	901 100%	1081 100%	305 100%	3057 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=49,53$

Probabilidade observada=0,00

Aproveitam programas de TV, notícias dos jornais, Internet

O quadro seguinte permite verificar que a maioria dos alunos considera que poucos ou nenhuns professores aproveitam materiais diversos para dar as matérias; essa opinião é particularmente forte entre os alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Aproveitam diferentes materiais					
Poucos ou nenhuns	439 57%	551 61%	683 63%	153 50%	1826 59%
Alguns	208 27%	257 28%	302 28%	116 38%	883 29%
A maioria ou todos	127 16%	95 11%	102 09%	38 12%	362 12%
TOTAL	774 100%	903 100%	1087 100%	307 100%	3071 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=38,92$

Probabilidade observada=0,00

5.1.3.2.3. Segundo o ciclo

A maioria dos alunos, nos diferentes ciclos considerados, assume que nenhuns, poucos ou alguns professores utilizam, apenas, os manuais. Os alunos do 2º ciclo são os que mais assumem que a maioria ou todos os professores só utilizam o manual para dar novas matérias, como pode verificar-se no quadro seguinte.

Os manuais são o único material utilizado	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Poucos ou nenhuns	177 26%	535 35%	265 31%	977 32%
Alguns	216 32%	548 36%	379 44%	1143 37%
A maioria ou todos	289 42%	430 28%	218 25%	937 31%
TOTAL	682 100%	1513 100%	862 100%	3057 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2= 71,19$

Probabilidade observada=0,00

Quanto ao aproveitamento de programas de TV, notícias dos jornais, uso de computador ou de Internet para dar alguns temas, a maioria dos alunos em todos os ciclos considerados assume que poucos ou nenhuns professores o fazem sendo essa opinião particularmente forte entre os alunos do 3º ciclo, como pode ver-se no quadro seguinte

Aproveitam materiais diversos para dar a matéria	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Poucos ou nenhuns	373	954	500	1827
	54%	63%	58%	59%
Alguns	179	429	275	883
	26%	28%	32%	29%
A maioria ou todos	134	135	92	361
	20%	09%	11%	12%
TOTAL	686	1518	867	3071
	100%	100%	100%	100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 57,69$

Probabilidade observada=0,00

Tendo-nos reportado, até agora, às práticas pedagógicas, abordaremos, de seguida os tipos de comunicação estabelecidos entre professores e alunos na perspectiva destes últimos.

5.2. Tipos de Comunicação estabelecida

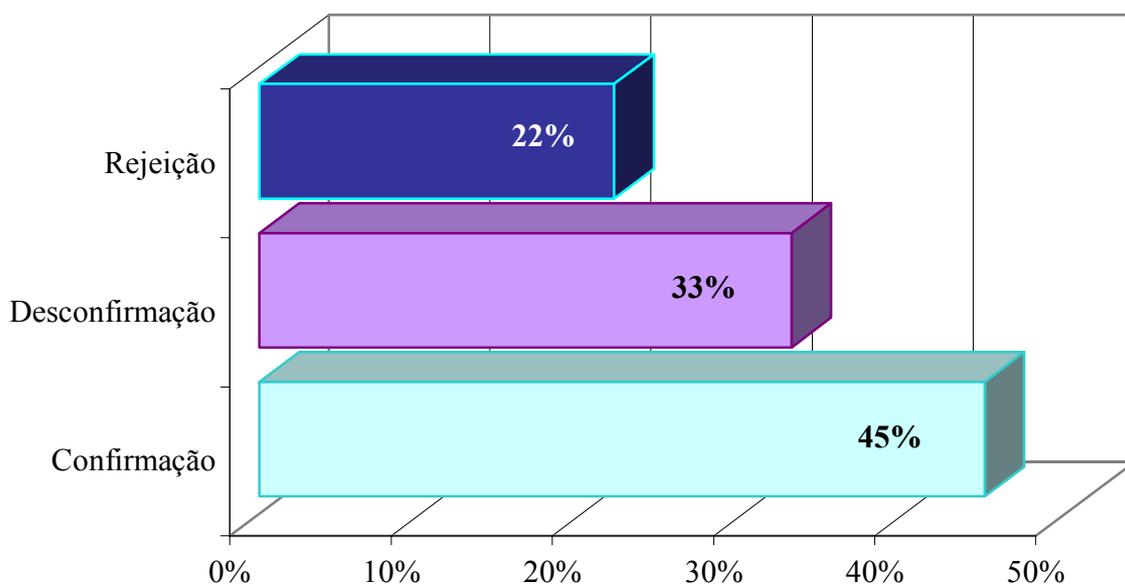
Para procurar compreender o tipo de comunicação que se estabelece com os alunos recorreremos a três questões: a primeira reportava-se ao modo como os professores reagem a um bom desempenho dos alunos e as duas seguintes ao modo como os professores esperam que os alunos comuniquem no interior da sala de aula.

São as respostas que obtivemos e as análises que sobre as mesmas pudemos produzir que apresentaremos de seguida.

5.2.1. A reacção dos professores ao bom desempenho dos alunos

Servindo-nos de uma tipologia da Escola de Palo Alto, já referida no capítulo anterior, quisemos saber se, quando os alunos, na aula davam respostas acertadas ou tinham boas notas nos testes, os professores os confirmavam, o que traduzimos por “Elogiam-te dizendo-te que sempre souberam que eras capaz”, os desconfirmavam, o que correspondia a “Não fazem qualquer referência” ou assumiam uma atitude de rejeição, o que se traduziu por “Acham que não fazes mais do que a tua obrigação.

As respostas que obtivemos encontram-se no gráfico seguinte:



Como o gráfico anterior permite verificar a confirmação prevalece mas é, ainda, bastante frequente a atitude de desconfirmação que, conjuntamente com a de rejeição, constituem, no entender dos alunos, atitudes mais frequentes.

Vejamos agora o sentido das variações com o género, a idade e o ciclo.

Segundo o género

Como o quadro seguinte permite verificar, rapazes e raparigas têm opinião idêntica quanto às atitudes de confirmação, as raparigas assumem mais do que os rapazes a desconfirmação e os rapazes mais do que as raparigas a rejeição.

Reacção dos professores aos bons resultados dos alunos	Género Masculino	Feminino	TOTAL
Confirmam : Elogiam-te dizendo-te que sempre souberam que eras capaz	631 45%	709 45%	1340 45%
Desconfirmam: Não fazem qualquer referência	437 31%	560 35%	997 33%
Rejeitam: Acham que não fazes mais do que a tua obrigação	349 25%	314 20%	663 22%
TOTAL	1417 100%	1583 100%	3000 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2=12,42$

Probabilidade observada=0,00

Segundo a idade

Analisando a variação de opiniões segundo a idade dos respondentes podemos verificar, no quadro seguinte, que o sentimento de confirmação diminui à medida que a idade aumenta enquanto que a desconfirmação (os professores “não fazem qualquer referência”) aumenta com a idade; o sentimento de rejeição é maior nos alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos.

Reacção dos professores aos bons resultados dos alunos	Idade 10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Confirmam	377 50%	383 44%	466 43%	117 39%	1343 45%
Desconfirmam	197 26%	288 33%	382 36%	130 43%	997 33%
Rejeitam	181 24%	207 24%	224 21%	52 17%	664 22%
TOTAL	755 100%	878 100%	1072 100%	299 100%	3004 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=36,02$

Probabilidade observada=0,00

Segundo o ciclo

A variação com o ciclo de escolaridade tem, como era esperável, um sentido semelhante ao da variação com a idade com algumas especificidades que vale a pena registar e se encontram no quadro seguinte:

Reacção dos professores aos bons resultados dos alunos	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Confirmam	365 54%	616 42%	361 42%	1342 45%
Desconfirmam	144 21%	509 34%	345 40%	998 33%
Rejeitam	165 24%	353 24%	146 17%	664 22%
TOTAL	674 100%	1478 100%	852 100%	3004 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=73,63$

Probabilidade observada=0,00

Como pode verificar-se os alunos do 2º ciclo são os que mais assumem sentir-se confirmados e os do ensino secundário os que mais afirmam a existência de rejeição. É curioso verificar que os alunos do 3º ciclo têm uma perspectiva idêntica à dos alunos do secundário sobre a confirmação que os professores lhes oferecem e partilham com os do 2º ciclo a perspectiva sobre a rejeição sentida.

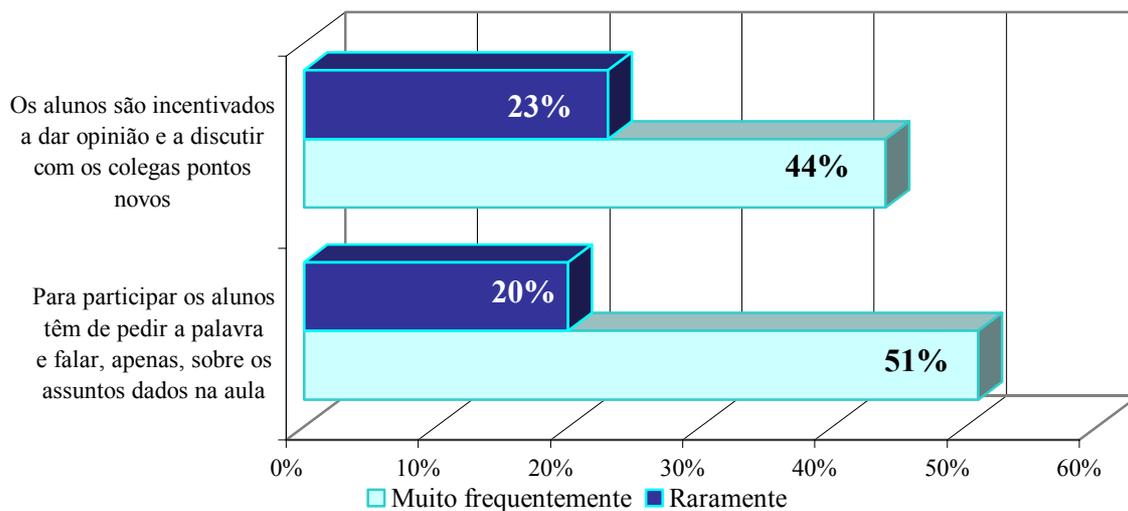
É interessante verificar que os alunos do ensino secundário são aqueles que mais apontam a desconfirmação como a resposta comunicacional dos professores perante o seu desempenho. Parece-nos que esta resposta dos alunos que inquirimos poderá ter a ver com o facto de estes serem os que mais pressionados são pela necessidade de terem um desempenho excelente se quiserem prosseguir estudos nas áreas que desejam – não podemos esquecer as médias muito elevadas necessárias para os alunos acederem aos cursos de ensino superior em que desejam entrar – pelo que quando os seus resultados são os esperados os professores reajam dando-lhes a entender que isto era o que era esperado se querem atingir os objectivos que se propuseram.

5.2.2. A comunicação na sala de aula

Colocámos aos alunos duas hipóteses contrárias, uma ligada a uma disciplina mais rígida – “para participar os alunos têm de pedir a palavra e só devem falar sobre os assuntos que foram explicados” – e outra mais aberta – “os alunos são incentivados a dar a sua opinião e a discutir com os colegas os pontos novos das diferentes matérias”.

Começaremos por apresentar, em gráfico, a distribuição das respostas para, de seguida, analisarmos as diferenças de opinião decorrentes das características dos respondentes.

5.2.2.1. A frequência das respostas



Como o gráfico anterior permite verificar os alunos consideram mais frequente que os professores utilizem processos rígidos de participação do que incentivem os alunos a dar a sua opinião e a discutir livremente com os colegas os novos pontos dados.

5.2.2.2. Variações de opinião com o perfil dos respondentes

5.2.2.2.1. Segundo o género

Não se registam variações significativas de opinião entre rapazes e raparigas relativamente a nenhum dos aspectos considerados.

5.2.2.2.2. Segundo a idade

Nos dois casos os alunos mais novos afirmam mais do que os outros que ocorrem com frequência as situações propostas, mas vale a pena analisar cabalmente o sentido das variações em cada caso.

Para participar os alunos têm de pedir a palavra e falar, apenas, sobre os assuntos dados na aula

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Para participar os alunos têm de pedir a palavra e falar, apenas, sobre os assuntos dados na aula					
Raramente	119 15%	175 19%	247 23%	84 28%	625 20%
Algumas vezes	166 21%	220 24%	365 34%	122 40%	873 28%
Frequentemente	490 63%	505 56%	475 44%	96 32%	1566 51%
TOTAL	775 100%	900 100%	1087 100%	302 100%	3064 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=125,17$

Probabilidade observada=0,00

Como o quadro anterior permite verificar a frequência com que os alunos devem limitar a sua intervenção às matérias dadas na aula, na perspectiva dos nossos respondentes, diminui à medida que a idade dos alunos aumenta, tornando-se claramente minoritária ente os mais velhos.

Os alunos são incentivados a dar opinião e a discutir com os colegas pontos novos

São os alunos mais novos, curiosamente, seguidos dos mais velhos os que consideram mais frequente que os professores os incentivem a dar a sua opinião e a discutir com os colegas, como pode ver-se no quadro seguinte:

Idade	10 a 12 anos	13 a14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Os alunos são incentivados a dar opinião e a discutir com os colegas pontos novos					
Raramente	174 23%	255 28%	233 21%	41 14%	703 23%
Algumas vezes	206 27%	261 29%	413 38%	118 39%	998 33%
Frequentemente	386 50%	384 43%	440 41%	143 47%	1353 44%
TOTAL	766 100%	900 100%	1086 100%	302 100%	3054 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=59,90$

Probabilidade observada=0,00

5.2.2.2.3. Segundo o ciclo

Seguindo a lógica da variação com a idade, são os alunos do 2º ciclo os que assumem ser mais frequentes as duas situações propostas mesmo se ambas apresentam actuações, em princípio, contraditórias.

Para participar os alunos têm de pedir a palavra e falar, apenas, sobre os assuntos dados na aula

As opiniões dos nossos respondentes variam com o ciclo de modo idêntico ao registado com a idade; ou seja, a frequência com que ocorrem estas situações decresce à medida que aumenta o ciclo de estudos com expressiva redução relativamente ao ensino secundário, como pode ver-se no quadro seguinte:

Ciclo Para participar os alunos têm de pedir a palavra e falar, apenas, sobre os assuntos dados na aula	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
	Raramente	94 14%	315 21%	215 25%
Algumas vezes	151 22%	393 26%	329 38%	873 28%
Frequentemente	443 64%	805 53%	319 37%	1567 51%
TOTAL	688 100%	1513 100%	863 100%	3064 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=124,68$

Probabilidade observada=0,00

É muito possível que estas variações com a idade e o ciclo estejam associadas ao modo diferente de trabalhar em ciclos anteriores, designadamente, no 1º ciclo, onde a existência do professor único, com a melhor gestão do tempo que pressupõe e as metodologias utilizadas facilitam uma participação mais continuada que os professores dos ciclos posteriores se vêem obrigados a refrear sem que tal suponha que não lhes dêem espaço de participação, como aliás se verá na análise à pergunta seguinte.

Os alunos são incentivados a dar opinião e a discutir com os colegas pontos novos

Como pode ver-se no quadro seguinte são os alunos do 2º ciclo quem mais assume ser frequente que os professores os incentivem a debater os pontos novos, sendo os alunos do 3º ciclo os que assumem uma opinião mais desfavorável sobre a frequência com que estes debates são incentivados, como pode verificar-se no quadro seguinte:

Os alunos são incentivados a dar opinião e a discutir com os colegas pontos novos	Ciclo			
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
Raramente	155 23%	403 27%	146 17%	704 23%
Algumas vezes	164 24%	481 32%	353 41%	998 33%
Frequentemente	360 53%	628 42%	364 42%	1352 44%
TOTAL	679 100%	1512 100%	863 100%	3054 100%

Gráus de liberdade = 4

$\chi^2=71,08$

Probabilidade observada=0,00

As respostas que os alunos que inquirimos nos deram sobre a comunicação estabelecida entre eles e os professores reenvia-nos mais uma vez para uma visão mista de professor mestre e professor pedagogo. E se para os mais novos a comunicação na sala de aula se pauta mais por um tipo de comportamento autoritário por parte dos professores talvez que tal aconteça, como já referimos, por a organização das aulas nos ciclos anteriores ser diferente. Os alunos mais novos, os que frequentam o 2º ciclo, são na sua maioria muito dependentes do professor e não conseguem manter os níveis e picos de atenção desejados, por isso o trabalho que os professores tem com eles em relação às regras de comunicação na sala de aula é um trabalho que parece ser mais autoritário. Talvez por isso os alunos nos dêem uma

visão mais consentânea com a ideia de que o professor é alguém que, tal como Amado (2001) diz, impõe as regras necessárias ao trabalho e à relação, impõe a ordem com a firmeza necessária e que o faz talvez porque antes de mais está a socializar os alunos nas regras da escola e depois procura dar-lhes os instrumentos que permitem a sua autonomização disciplinada. O professor aparece-nos assim, para os mais novos, como afirmam Devolvé e Margot (2005), como o formador que dirige o aluno na aprendizagem.

5.3. Tipo de autoridade exercida

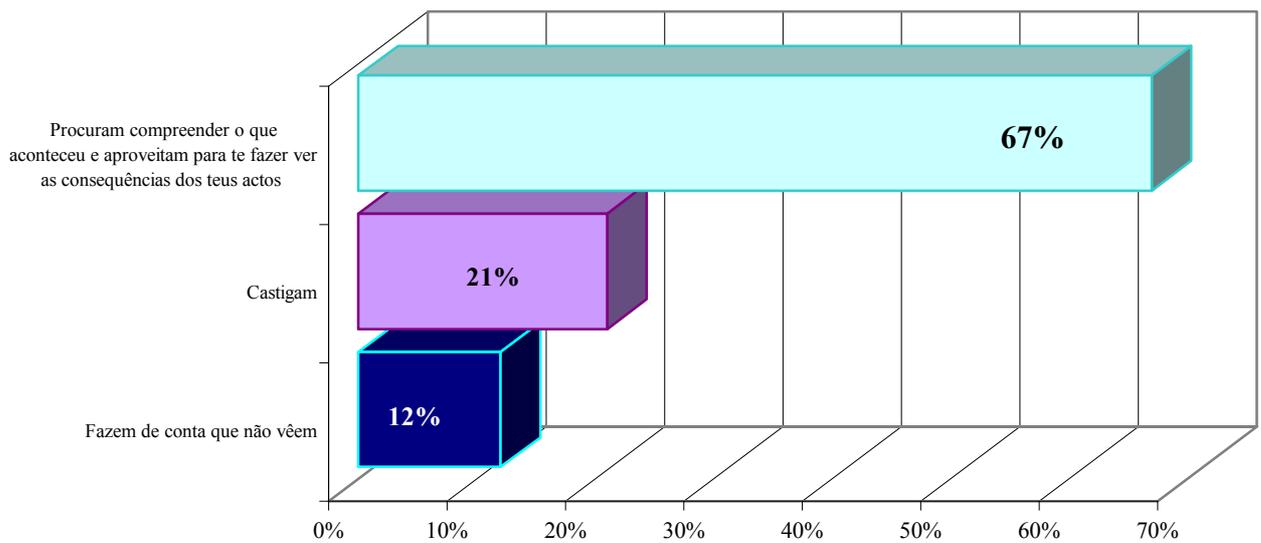
Procuramos saber como é que os alunos apreciavam o tipo de autoridade exercida pelos professores através de três perguntas. Numa, a pergunta 15, admitimos três tipos de autoridade exercida pelos professores face a situações de indisciplina, inspirando-nos nos tipos de liderança propostos por K. Lewin R. Lippit (1938):: permissiva, autoritária ou responsabilizante; nas outras duas perguntas procurámos saber a frequência com que ocorriam situações de algum modo contraditórias em termos de imposição ou de partilha de ideias. Veremos de seguida as respostas obtidas e as variações de opinião segundo o perfil dos respondentes.

5.3.1. Autoridade exercida em situação de indisciplina

Apreciaremos a distribuição das respostas para, de seguida, procedermos à análise das variações segundo o perfil dos respondentes.

5.3.1.1. . Frequência das respostas

Como gráfico seguinte permite verificar uma larga maioria dos alunos considera que os professores adoptam uma atitude responsabilizante quando se confrontam com atitudes menos correctas dos alunos.



5.3.1.2. Variações com o perfil dos respondentes

Segundo o género

A maioria, nos dois sexos, assume que os professores têm habitualmente uma atitude responsabilizante; essa opinião é mais forte entre as raparigas, sendo os rapazes quem mais afirma, em termos relativos, que os professores adoptam atitudes autoritárias, como pode ver-se no quadro seguinte:

Autoridade exercida em situações de indisciplina	Género	Masculino	Feminino	TOTAL
Permissivo		152 11%	203 13%	355 12%
Autoritário		389 28%	242 15%	631 21%
Responsabilizante		863 61%	1122 72%	1985 67%
TOTAL		1404 100%	1567 100%	2971 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2=66,62$

Probabilidade observada=0,00

Segundo a idade

São os mais velhos e os mais novos quem mais assume que os professores têm uma atitude responsabilizante quando eles têm comportamentos menos correctos e os alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos quem, relativamente, mais afirma que os professores têm atitudes permissivas. O quadro seguinte permite apreciar com mais detalhe o sentido das variações ocorridas.

Idade Autoridade exercida em situações de indisciplina	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Permissivo	63 08%	103 12%	157 15%	32 11%	355 12%
Autoritário	155 21%	190 22%	234 22%	51 17%	630 21%
Responsabilizante	536 71%	579 66%	664 63%	210 72%	1989 67%
TOTAL	754 100%	872 100%	1055 100%	293 100%	2974 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=24,27$

Probabilidade observada=0,00

Segundo o ciclo

Como o quadro seguinte permite verificar a maioria dos alunos de todos os ciclos afirma que os professores assumem atitudes responsabilizantes; esta opinião é mais acentuada entre os alunos do primeiro ciclo sendo os do ensino secundário quem mais considera que os professores assumem atitudes permissivas.

Autoridade exercida em situações de indisciplina	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Permissivo	49 07%	180 12%	126 15%	355 12%
Autoritário	148 22%	329 23%	154 18%	631 21%
Responsabilizante	480 71%	953 65%	555 66%	1988 67%
TOTAL	677 100%	1462 100%	835 100%	2974 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=26,24$

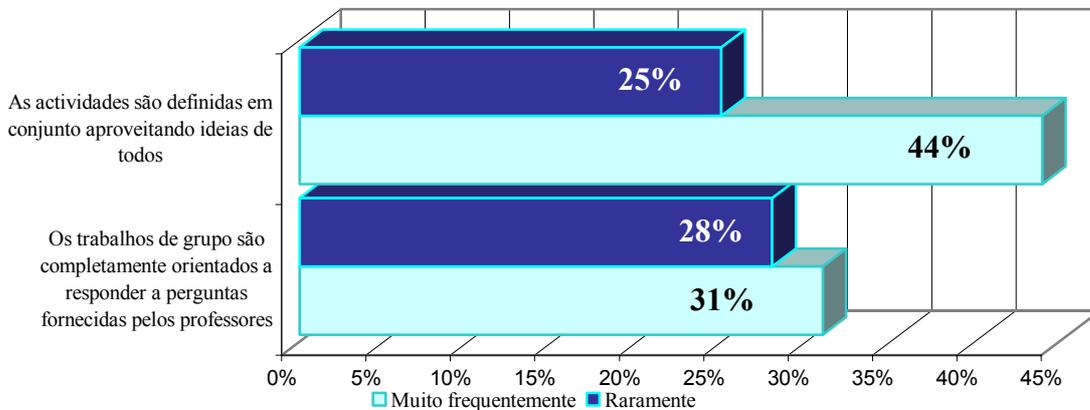
Probabilidade observada=0,00

Esta visão do professor assumindo atitudes responsabilizantes ou democráticas – tal como as definem Lewin e Lippit – parece-nos estar de acordo com a imagem que os alunos nos têm dado do professor. Imagem que passa pelo facto de o professor ser alguém preocupado com os aspectos profissionais, com o proporcionar espaços de aprendizagem ainda que orientados.

5.3.2. Imposição ou partilha

Como já referimos procuramos saber a frequência com que ocorriam situações de algum modo contraditórias em termos de imposição ou de partilha de ideias; para tal admitimos duas situações: “os trabalhos de grupo que os professores organizam são para responder, apenas, a conjuntos de perguntas que fornecem” e “as actividades que realizam dentro do Projecto Educativo são definidas em conjunto com os alunos aproveitando ideias de todos”. Veremos de seguida como se distribuíram as respostas e as variações de opinião encontradas.

5.3.2.1. Frequência das respostas



Como o gráfico anterior permite verificar nenhuma destas situações aparece como muito frequente; contudo a orientação de participação dos alunos nas actividades a desenvolver parece ocorrer com bastante mais frequência do que a dos trabalhos de grupo completamente orientados.

5.3.2.2. Variações com o perfil dos respondentes

Analisaremos primeiro o sentido das variações relativamente a uma prática de imposição para, de seguida, procedermos a idêntica análise no que se reporta a uma atitude de partilha.

5.3.2.2.1. Imposição

Segundo o género

Os rapazes consideram mais do que as raparigas que os trabalhos de grupo organizados pelos professores se destinem apenas a responder a conjuntos de perguntas fornecidas pelos professores - que admitimos como prática de imposição.

Segundo a idade

Quando analisamos as variações segundo a idade, são os mais novos, seguidos dos mais velhos quem considera mais frequente esta situação, como se pode ver mais completamente no quadro seguinte:

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Os trabalhos de grupo são completamente orientados a responder a perguntas fornecidas pelos professores					
Raramente	212 27%	309 34%	277 26%	61 20%	859 28%
Algumas vezes	284 37%	338 37%	482 44%	142 47%	1246 41%
Frequentemente	275 36%	255 28%	325 30%	99 33%	954 31%
TOTAL	771 100%	902 100%	1084 100%	302 100%	3059 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=41,54$

Probabilidade observada=0,00

Tendo em conta o que anteriormente dissemos sobre a forma de comunicar dos professores seria esperável que os nossos respondentes mais novos apontassem uma forma de prática mais impositiva do que os outros alunos. E seria natural pois os professores parecem ter para estes alunos uma imagem mais de mestre, de guia da acção do que para os mais velhos. O que pode parecer surpreendente é esta concordância de opinião dos mais velhos. No entanto se tivermos em conta que talvez estes, mais velhos, sejam os alunos que voltaram à escola depois de uma paragem, ou que são aqueles que se encontram no 12º ano – tendo em conta que são alunos cujo histórico escolar inclui repetências – então talvez possamos compreender as suas respostas. Se o caso é o dos alunos de segunda oportunidade então estes são aqueles que terão necessidade de ser de novo socializados e guiados no processo ensino-aprendizagem. Se o caso é o dos alunos que estão no 12º ano então talvez que a necessidade

que os professores sentem de que a matéria esteja toda dada, que os seus alunos tenham conhecimento total do programa, que tenham treinado o suficiente para não se sentirem intimidados no momento dos exames nacionais, os levem a orientar mais os trabalhos a realizar.

Segundo o ciclo

Como era esperável, tendo em conta a variação pela idade, são os alunos do 2º ciclo quem mais assume a existência de uma orientação estrita na realização dos trabalhos de grupo, como pode ver-se no quadro seguinte.

Os trabalhos de grupo são completamente orientados a responder a perguntas fornecidas pelos professores	Ciclo			
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
Raramente	157 23%	514 34%	188 22%	859 28%
Algumas vezes	249 36%	594 39%	403 47%	1246 41%
Frequentemente	278 41%	407 27%	269 31%	954 31%
TOTAL	684 100%	1515 100%	860 100%	3059 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 77,33$

Probabilidade observada=0,00

5.3.2.2.2. Partilha

Segundo o género

As opiniões não variam significativamente entre rapazes e raparigas.

Segundo a idade

O quadro seguinte mostra que enquanto os mais novos em maioria absoluta assumem que a participação na definição das actividades é muito frequente, essa opinião decresce à medida que a idade aumenta, tornando-se minoritária a partir dos 15 anos.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
As actividades são definidas em conjunto aproveitando ideias de todos					
Raramente	101 13%	215 24%	342 32%	98 33%	756 25%
Algumas vezes	192 25%	264 30%	387 36%	111 37%	954 31%
Frequentemente	473 62%	412 46%	351 33%	90 30%	1326 44%
TOTAL	766 100%	891 100%	1080 100%	299 100%	3036 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=192,41$

Probabilidade observada=0,00

Segundo o ciclo

Como o quadro seguinte permite verificar a opinião favorável decresce à medida que se sobe no ciclo de estudos.

Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
As actividades são definidas em conjunto aproveitando ideias de todos				
Raramente	77 11%	376 25%	304 36%	757 25%
Algumas vezes	163 24%	475 32%	315 37%	953 31%
Frequentemente	440 65%	650 43%	236 28%	1326 44%
TOTAL	680 100%	1501 100%	855 100%	3036 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=228,75$

Probabilidade observada=0,00

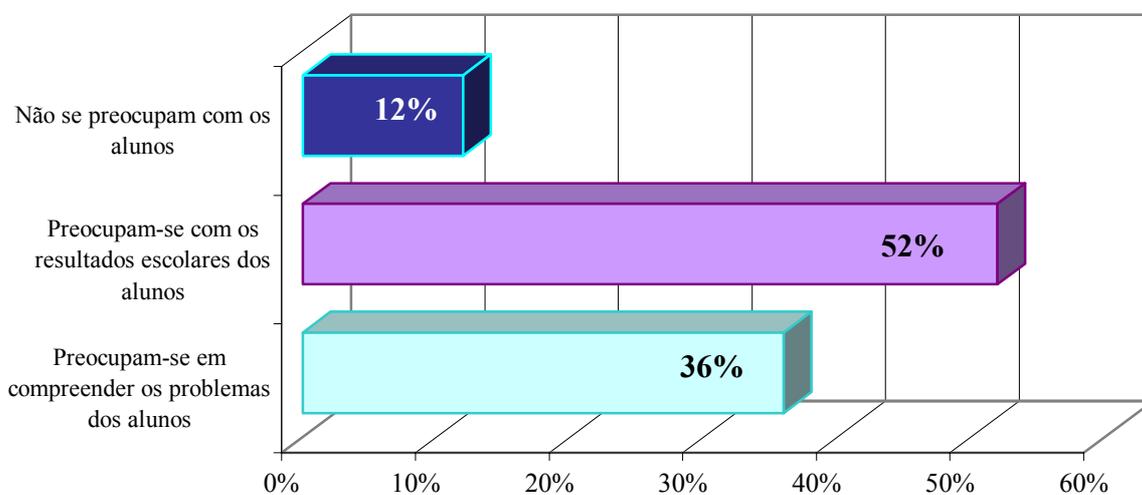
5.4. Relações estabelecidas em diferentes contextos

Procurámos saber como os alunos viam as relações com os professores através de cinco perguntas. A primeira, reportando-se às relações na sala de aula, propunha três

alternativas: relação pessoal próxima, relação profissional e relação pessoal distante; as quatro seguintes, referindo-se a actividades fora da sala de aula, estabeleciam níveis de concordância com afirmações produzidas admitindo, duas delas, relações próximas e as outras duas, relações distantes.

5.4.1. Relações na sala de aula

5.4.1.1.Frequência das respostas



Como o gráfico anterior permite verificar a maioria dos alunos considera que os professores mantêm com eles uma relação profissional preocupando-se com seus resultados sendo baixa a percentagem dos que consideram que os professores não se preocupam com eles, o que assumimos como uma relação distante.

Estes resultados são condizentes com os que obtivemos quando inquirimos os alunos sobre quais as características do Bom professor como podemos observar neste capítulo no ponto 4.5.1.

5.4.1.2.Variações com o perfil dos respondentes

5.4.1.2.1. Segundo o género

Como o quadro seguinte permite verificar a opinião mais frequente entre rapazes e raparigas corresponde à assunção de que os professores têm com eles uma atitude profissional

sendo essa opinião mais forte entre as raparigas; embora muito minoritariamente, os rapazes assumem mais do que as raparigas que os professores têm com eles uma relação distante.

Na sala de aula a maioria dos professores	Gênero	Rapazes	Raparigas	TOTAL
Preocupa-se em compreender problemas dos alunos		503 36%	554 36%	1057 36%
Preocupa-se com resultados escolares		666 48%	843 55%	1509 52%
Não se preocupa com os alunos		215 16%	139 09%	354 12%
TOTAL		1384 100%	1536 100%	2920 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2=31,71$

Probabilidade observada=0,00

5.4.1.2.2. . Segundo a idade

Como o quadro seguinte permite verificar, são os alunos mais novos quem mais assume a existência de uma relação pessoal enquanto os mais velhos, de forma maioritária, assumem a existência de uma relação profissional, particularmente expressiva entre os alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos.

Na sala de aula a maioria dos professores	Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Preocupa-se em compreender problemas dos alunos		351 48%	314 37%	294 28%	99 34%	1058 36%
Preocupa-se com resultados escolares		336 46%	425 49%	605 58%	147 51%	1513 52%
Não se preocupa com os alunos		41 06%	120 14%	148 14%	44 15%	353 12%
TOTAL		728 100%	859 100%	1047 100%	290 100%	2924 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=94,76$

Probabilidade observada=0,00

Segundo o ciclo

Os alunos do 2º ciclo assumem maioritariamente uma relação pessoal, enquanto a maioria dos alunos do Ensino Secundário, seguidos dos do 3º ciclo assumem maioritariamente a existência de uma relação profissional. O quadro seguinte permite verificar cabalmente o sentido das variações encontradas:

Na sala de aula a maioria dos professores	Ciclo			
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
Preocupa-se em compreender problemas dos alunos	330 51%	496 34%	232 28%	1058 36%
Preocupa-se com resultados escolares	287 44%	740 51%	485 58%	1512 52%
Não se preocupa com os alunos	33 05%	203 14%	118 14%	354 12%
TOTAL	650 100%	1439 100%	835 100%	2924 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=103,54$

Probabilidade observada=0,00

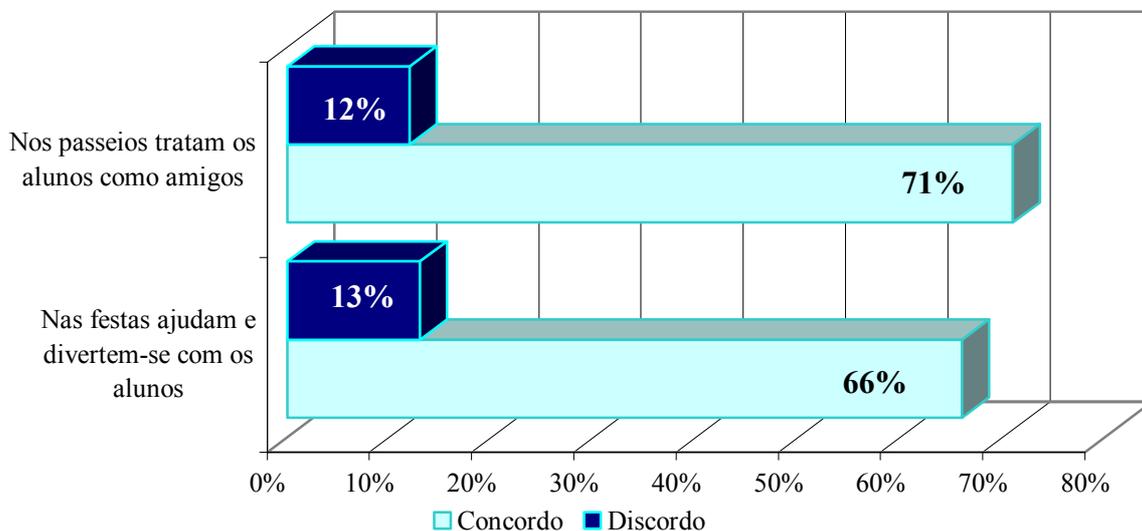
Estes resultados parecem estar de acordo com o que anteriormente afirmamos sobre a preocupação dos professores com os alunos que se encontram numa fase decisiva de escolha de percurso escolar. Por isso os alunos do ensino secundário apontam maioritariamente a existência de uma relação profissional que passa pela preocupação com os resultados escolares. Por outro lado, e tendo em conta, os objectivos definidos para o 2º ciclo do ensino básico, para a forma como os professores deste ciclo foram socializados – na profissionalização, na relação diária com os outros colegas – não é de estranhar que os alunos do 2º ciclo apontem para uma relação pessoal.

5.4.2. Relações fora da sala de aula

Como já referimos admitimos duas atitudes, nas relações dos professores com os alunos fora da sala de aula – relações próximas e relações distantes; para cada uma delas utilizamos duas questões.

5.4.2.1. Relações próximas

5.4.2.1.1. Frequência das respostas



Como gráfico anterior permite verificar a maioria dos alunos considera que, fora do contexto da sala de aula os professores mantêm com eles uma relação de proximidade.

5.4.2.1.2. Variações com o perfil dos respondentes

5.4.2.1.2.1. Segundo o género

As raparigas têm uma opinião mais favorável do que os rapazes sobre as relações de proximidade tanto por ocasião da realização das festas como no enquadramento dos passeios escolares, ainda que essa opinião seja sempre maioritária em ambos os sexos⁵.

⁵ No primeiro caso a probabilidade observada é de 0,05 e no segundo de 0,03.

5.4.2.1.2.2. .Segundo a idade

São os alunos das faias etárias intermédias quem assume opinião menos favorável ainda que em todos os casos a maioria considere que a relação é de proximidade em ambas as situações propostas.

Veremos, de seguida, as especificidades das variações encontradas em cada caso.

A maioria dos professores ajudam a organizar as festas e nelas divertem-se com os alunos

Idade	10 a 12 anos	13 a14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Nas festas a maioria dos professores ajudam e divertem-se com os alunos					
Discordo ou discordo totalmente	57 07%	119 13%	185 17%	28 09%	389 13%
Não concordo nem discordo	124 16%	186 21%	285 26%	62 20%	657 21%
Concordo totalmente ou concordo	591 77%	600 66%	618 57%	215 70%	2024 66%
TOTAL	772 100%	905 100%	1088 100%	305 100%	3070 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=86,63$

Probabilidade observada=0,00

Como quadro anterior permite verificar, a opinião favorável, sempre maioritária, como já referimos, é mais acentuada entre os mais novos, seguidos dos mais velhos e menor entre os da faixa etária dos 15 aos 17 anos.

Nos passeios acompanham os alunos e tratam-nos como amigos

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Nos passeios acompanham os alunos e tratam-nos como amigos					
Discordo ou discordo totalmente	94 12%	141 16%	133 11%	14 05%	382 12%
Não concordo nem concordo	100 13%	135 15%	254 20%	61 20%	550 17%
Concordo totalmente ou concordo	573 75%	624 69%	864 69%	230 75%	2291 71%
TOTAL	767 100%	900 100%	1251 100%	305 100%	3223 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2 = 48,39$

Probabilidade observada=0,00

Como o quadro anterior permite verificar, são os mais velhos e os mais novos quem mais considera que nos passeios os professores mantêm com eles relações de proximidade.

5.4.2.1.2.3. .Segundo o ciclo

São os alunos do 2º ciclo quem assume, em ambos os casos, a opinião mais favorável, como se verá, de seguida. Note-se, contudo, que em ambos os casos, a maioria dos alunos em todos os ciclos assume a existência de uma relação de proximidade.

Nas festas a maioria dos professores ajudam e divertem-se com os alunos

Como o quadro seguinte permite verificar a opinião favorável às relações de proximidade no âmbito das festas escolares decresce à medida que aumenta o ciclo de estudos leccionado.

Nas festas a maioria dos professores ajudam e divertem-se com os alunos	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Discordo ou discordo totalmente	32 05%	205 14%	152 18%	389 13%
Não concordo nem discordo	102 15%	348 23%	206 24%	656 21%
Concordo totalmente ou concordo	552 80%	963 64%	510 59%	2025 66%
TOTAL	686 100%	1516 100%	868 100%	3070 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 99,32$

Probabilidade observada=0,00

Nos passeios acompanham os alunos e tratam-nos como amigos

No que se reporta aos passeios a variação de opiniões não corre no mesmo sentido, sendo os alunos do 3º ciclo os que manifestam opinião menos favorável.

	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Discordo ou discordo totalmente	79 12%	228 15%	68 08%	375 12%
Não concordo nem discordo	85 13%	253 17%	174 20%	512 17%
Concordo totalmente ou concordo	515 76%	1032 68%	626 72%	2173 71%
TOTAL	679 100%	1513 100%	868 100%	3060 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 40,80$

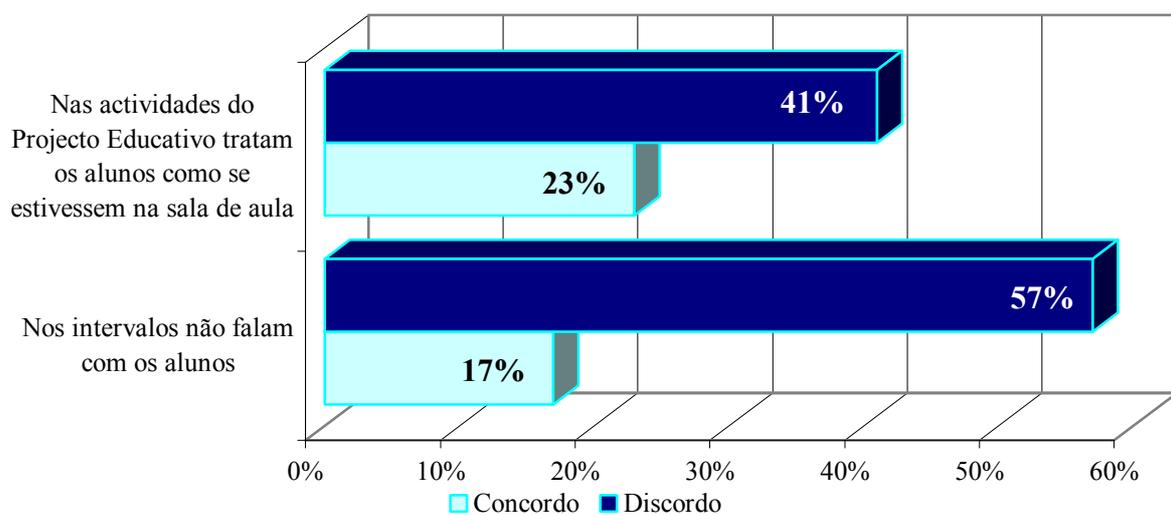
Probabilidade observada=0,00

5.4.2.2. Relações distantes

Apresentaremos, de novo, em primeiro lugar o gráfico com a frequência das respostas às duas perguntas colocadas para, de seguida, procedermos à análise das variações com o perfil dos respondentes.

5.4.2.2.1. Frequência das respostas

Em coerência com as respostas dadas, quando analisamos as hipóteses de uma relação próxima, o gráfico seguinte permite verificar que a maioria dos alunos discorda que, fora do contexto da sala de aula, os professores mantenham com eles uma relação distante, particularmente no que se refere ao contacto nos intervalos.



5.4.2.2.2. 4. Variações com o perfil dos respondentes

Veremos, agora, o sentido das variações com o perfil dos respondentes.

5.4.2.2.2.1. . Segundo o género

Tanto no que se refere às relações com os professores nos intervalos como em actividades exteriores à sala de aula os rapazes consideram existir maior distância do que as raparigas.

5.4.2.2.2.2. . Segundo a idade

Não se registaram variações significativas de opinião segundo a idade dos alunos no que se refere às relações estabelecidas com os professores nos intervalos

Quanto à relação que se estabelece em actividades não lectivas, são os alunos mais velhos quem mais discorda que os professores os tratem nas actividades do mesmo modo que nas aulas; essa discordância, aliás, aumenta com a idade dos respondentes, como pode apreciar-se melhor no quadro seguinte:

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Nas actividades a maioria dos professores trata os alunos como se estivessem na aula					
Discordo ou discordo totalmente	122 16%	189 21%	292 27%	106 35%	709 23%
Não concordo nem discordo	197 26%	314 35%	461 43%	127 42%	1099 36%
Concordo totalmente ou concordo	447 58%	391 44%	330 30%	70 23%	1238 41%
TOTAL	766 100%	894 100%	1083 100%	303 100%	3046 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2 = 193,94$

Probabilidade observada=0,00

5.4.2.2.2.3. . Segundo o ciclo

Não se registaram variações significativas de opinião segundo o ciclo frequentado pelos alunos no que se refere às relações estabelecidas com os professores nos intervalos

No que se refere às relações com os professores em actividades exteriores à sala de aula, as variações ocorridas vão no mesmo sentido das variações com a idade: a assunção de uma relação distante diminui à medida que aumenta o ciclo de estudos dos respondentes tornando-se claramente minoritária entre os alunos do ensino secundário.

Ciclo Nas actividades a maioria dos professores trata os alunos como se estivessem na aula	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
	Discordo ou discordo totalmente	106 15%	332 22%	272 32%
Não concordo nem discordo	163 24%	554 37%	382 44%	1099 36%
Concordo totalmente ou concordo	417 61%	611 41%	209 24%	1237 41%
TOTAL	686 100%	1497 100%	863 100%	3046 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 215,06$

Probabilidade observada=0,00

As respostas que obtivemos dos nossos inquiridos mostram-nos de novo que os alunos dizem ter do professor uma imagem positiva, uma imagem de quem tem uma relação próxima quer dentro quer fora da sala de aula. Esta imagem está relacionada com a necessidade que Blin (1997) aponta de os professores negociarem permanentemente com os seus alunos, com a comunhão de pontos de vista, com as partilhas e até a cooperação que se pode observar entre professores e alunos. Quase seríamos levados a dizer com Nóvoa (1992) que a opinião dos alunos que inquirimos sobre o tipo de relações que se estabelecem entre professores e alunos traduz uma maneira de ser e de estar na profissão dos professores.

5.5. Ser bom professor

Como já referimos procurámos compreender o que era para os alunos ser bom professor através de três perguntas abertas reportadas às qualidades mais apreciadas nos professores, às características menos apreciadas e pedindo-lhes uma apreciação global sobre o ser bom professor. Daremos conta, de seguida das respostas que obtivemos através de metodologias qualitativas e quantitativas.

5.5.1. As qualidades mais apreciadas

Pedimos aos nossos respondentes que, tendo em conta o facto de já terem tido professores ou um professor de quem gostaram muito, nos dissessem quais as qualidades que mais apreciaram nele ou neles⁶.

Obtivemos cerca de 2900 respostas que se distribuíam por um conjunto apreciável de qualidades que iam desde amigo, simpático, brincalhão, divertido, meigo, carinhoso, ao que explica bem a matéria, está atento as problemas dos alunos, quer a nível pessoal que a nível das aprendizagens, ter um bom método de ensino, desperta a curiosidade, entre outros. Após várias tentativas de categorização das respostas obtidas chegámos a duas grandes categorias que se distribuem da seguinte forma: **aspectos relacionais pessoais** e **aspectos do exercício profissional**⁷.

Estas categorias que constituímos integram diversos tipos de respostas. Assim quando falamos de

⁶ No tratamento estatístico posterior trabalhámos, apenas, a primeira qualidade apontada.

⁷ Servimo-nos destas duas categorias para com elas construirmos as questões 10 e 11 do 1º questionário dos professores e as questões 9 e 11 do 2º questionário dos professores.

- **aspectos relacionais pessoais** referimo-nos a sentimentos como o da amizade, simpatia compreensão, com o facto de os professores serem brincalhões, divertidos e pacientes. Para além destes que tiveram alguma expressão, existem ainda outros aspectos como a relação próxima, a ajuda, a equidade, a bondade, o carinho, a meiguice, a atenção, o bom humor, a sinceridade, a alegria, a calma, a tranquilidade, a simplicidade, a qualidade de ser verdadeiro, directo, honesto e sensato que mereceram uma referência menos expressiva por parte dos nossos respondentes. Para além destes existe, ainda, um conjunto de sentimentos referidos que se podem considerar como categorias residuais e que respeitam à forma cuidada de lidar com os alunos, ao respeito, à confiança, à generosidade, ao carinho, à capacidade de dar/emprestar força nos maus momentos e ao não ralhar muito.

- **aspectos do exercício profissional** apontamos para a forma como os professores explicam /ensinam, para o método de ensino utilizado, para o facto de serem considerados bons profissionais porque preocupados com as aprendizagens dos alunos, porque explicam com clareza, despertam a curiosidade dos alunos para as matérias leccionadas e resolvem problemas que se prendem com as aprendizagens. Para além destas características os nossos respondentes relevam a justiça, a assiduidade, a vocação como alguns dos traços característicos mais relevantes de um professor. Também aqui temos categorias residuais que envolvem o profissionalismo, o tempo e a atenção dispensada para tirar dúvidas, a gestão correcta do tempo de aula e as estratégias variadas, a persistência, o rigor, a seriedade, o empenho, a dedicação, o facto de se ser respeitado, a responsabilidade, a participação e a competência.

5.5.1.1. A frequência das respostas

Começaremos por apresentar alguns resultados discriminados para proceder, em seguida à sua recodificação de acordo com as categorias definidas

Alguns resultados discriminados

Vejamos de seguida como os alunos expressam as suas opiniões em cada uma destas categorias.

Assim, no que respeita aos **aspectos relacionais pessoais** os alunos expressam-no do seguinte modo:

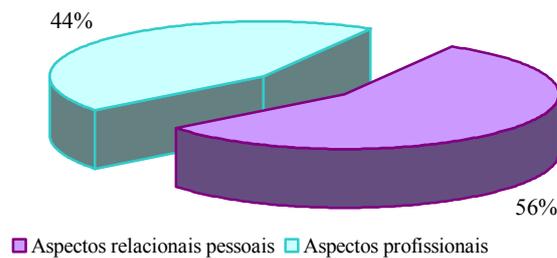
	Frequência	%
Simpático	645	23%
Amigo	378	13%
Brincalhão	368	13%
Compreensivo	204	7%
Divertido	62	2%
Paciente	34	1%

Os alunos que se referem aos **aspectos do exercício profissional** apontam:

	Frequência	%
Explicar/ensinar bem	424	15%
Método de ensino	169	6%
Bom Profissional	75	3%
Justo	75	3%
Assiduidade	7	0,3%

Resultados recodificados

Como o gráfico seguinte permite verificar os aspectos relacionais pessoais prevalecem sobre os aspectos profissionais;



5.5.1.2. Variações das qualidades com as características dos respondentes

As opiniões dos alunos não variam com a idade, nem com o ciclo frequentado. Regista-se, exclusivamente, variação significativa com o género sendo os rapazes quem mais se refere aos aspectos do exercício profissional ainda que, em ambos os sexos, a maioria assuma como qualidades preferidas as que se reportam a aspectos relacionais.

5.5.2. Características menos apreciadas

No que respeita às características que os alunos menos apreciaram nos professores de que menos gostaram vimo-nos, de novo, confrontados com uma grande diversidade de respostas. Feito um aturado trabalho na categorização das respostas pareceu-nos possível e útil ter por base as mesmas categorias definidas para a questão anterior

Assim, utilizamos de novo os **aspectos relacionais pessoais e os aspectos do exercício profissional** na nossa análise.

Os alunos referem como **aspectos relacionais pessoais** que menos apreciam a antipatia, a falta de equidade no tratamento dos alunos, a relação distante que os professores mantêm, o facto de o professor ser “chato”, mau, arrogante, de crer que é o único detentor da

razão e ser agressivo, ralhar muito ou sem razão, ter falta de compreensão, má e pouca relação professor/aluno, ter prazer em humilhar os alunos, o tom de voz alto utilizado e a falta de respeito quer pelos alunos quer pelos tempos destinados a intervalos. Para além destas características outras como a má educação, o cinismo, a implicância, a má disposição, a frieza, a hipocrisia, o mau feitio, a teimosia, a impaciência, o ser resmungão, a falta de sentido de humor, a fácil irritabilidade, a ironia, a desonestidade, a existência de uma relação formal, a ingerência na vida pessoal, os insultos, o “embirrar” constante são características referidas pelos alunos de forma mais residual.

No que respeita aos **aspectos do exercício profissional**, o não explicar correctamente ou não saber dar aulas, o método de ensino, a exigência, a pouca preocupação com os resultados escolares, ou com as aprendizagens dos alunos, pressa em dar a matéria, falta de paciência para tirar dúvidas e pouca clareza de exposição, a injustiça, a falta de assiduidade e o facto de, muitas vezes, o professor chegar atrasado, são as características negativas mais relevadas pelos alunos. Enquadram-se, também, nesta categoria aspectos como excesso de trabalhos de casa, dar más notas, o tipo de matéria leccionado, a falta de consolidação da matéria, o muito tempo que o professor leva para corrigir os testes, o desinteresse manifestado pelo professor pelas questões suscitadas pelos alunos, a falta de vocação a pouca exigência, a incompetência, a falta de interesse, a desorganização, a falta de preparação das aulas e a monotonia.

5.5.2.1. Frequência das respostas

Apresentaremos, primeiro, alguns resultados discriminados para proceder depois à sua recodificação a partir das categorias definidas.

Alguns resultados discriminados

Vejamos como os alunos expressam as suas opiniões em cada uma destas categorias.

Assim, no que respeita aos **aspectos relacionais pessoais** os alunos expressam-no do seguinte modo:

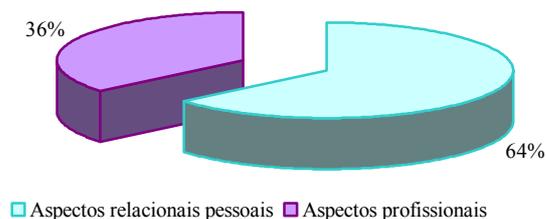
	Frequência	%
Arrogante	466	17%
Antipatia	316	12%
“Chato”	144	5%
Mau	117	4%
Falta de equidade	110	4%
Distância	92	3%

Os alunos que se referem aos **aspectos do exercício profissional** apontam:

	Frequência	%
Não explicar correctamente/Não saber dar as aulas/ Método de ensino	547	20%
Injusto	179	7%
Exigente	87	3%
Pouco preocupado com as aprendizagens/resultados dos alunos	33	1%
Falta de assiduidade	13	0,5%
Chegar atrasado	7	0,3%

Resultados recodificados

Como o gráfico seguinte permite verificar são, agora, os aspectos profissionais os mais indicados.



5.5.2.2. Variações das características negativas com o perfil dos respondentes

As opiniões não variam segundo o género.

5.5.2.2.1. Segundo a idade

Como o quadro seguinte permite verificar ainda que os aspectos profissionais sejam sempre maioritários, a referência a características negativas das relações pessoais cresce com a idade dos respondentes.

Idade	10 a 12 anos	13 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 25 anos	TOTAL
Características negativas					
Aspectos relacionais pessoais	206 30%	288 35%	387 40%	113 46%	994 36%
Aspectos do exercício profissional	481 70%	544 65%	590 60%	133 54%	1748 64%
TOTAL	687 100%	832 100%	977 100%	246 100%	2742 100%

Graus de liberdade = 3

$\chi^2=27,39$

Probabilidade observada=0,00

5.5.2.2.2. Segundo o ciclo

A variação com o ciclo segue a tendência da variação com a idade, como pode ver-se no quadro seguinte:

Características negativas	Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
Aspectos relacionais pessoais		171 29%	498 36%	324 43%	993 36%
Aspectos do exercício profissional		428 71%	894 64%	427 57%	1749 64%
TOTAL		599 100%	1392 100%	751 100%	2742 100%

Graus de liberdade = 2 $\chi^2 = 30,96$ Probabilidade observada=0,00

São os alunos do 2º ciclo os que mais assumem os aspectos profissionais na identificação das características dos professores de que não gostam e os do ensino secundário os que mais assumem, ainda que minoritariamente, os aspectos relacionais.

5.5.3. Ser bom professor: uma perspectiva global

No sentido de procurarmos uma resposta mais global sobre a imagem que os alunos têm dos professores, pedimos-lhes que nos dissessem o que era para eles um bom professor.

Para procedermos à análise das 2913 respostas dadas pelos alunos que constituem a nossa amostra iremos ter em conta as categorias criadas para a análise das questões 10 e 11 até porque, como Moliner (2001: 27) afirma, “cada indivíduo que se interroga, cada entrevista que se recolhe se aproxima das outras ao mesmo tempo que se distingue. No fundo muitos dizem-nos a mesma coisa utilizando palavras diferentes”. A riqueza do discurso com que nos confrontamos – seja ele o discurso elaborado por uma ou um aluna/aluno de 10 anos que frequenta o 5º ano de escolaridade ou o discurso elaborado por uma ou um aluna/aluno de 20 anos que frequenta o 12º ano – permitiu-nos recolher uma grande quantidade de opiniões semelhantes que nos reenviam para o conceito de estabilidade das representações sociais.

As categorias que formulamos para a análise das questões anteriores não estavam longe das usadas por Ada Abraham (1982:66) num dos seus estudos, categorias que adaptamos procurando integrá-las com as categorias que criámos. Assim vamos utilizar três grandes categorias: aspectos afectivos, aspectos profissionais e aspectos comportamentais do exercício da profissão. Cada uma destas categorias está dividida em várias subcategorias que apresentamos de seguida.

Aspectos afectivos

- Professor – amigo/relação próxima
- Professor – encorajador
- Professor – ajuda pessoal /compreensão
- Professor – respeitador

Aspectos profissionais

- Professor – ajuda escolar
- Professor – conhecedor /detentor do saber
- Professor – gosto de ensinar
- Professor – estimula / cativa
- Professor - que equilibra interesse e prazer

Aspectos comportamentais profissionais

- Professor – justo
- Professor - equitativo
- Professor – exercício de autoridade

No que respeita aos **aspectos afectivos** e da análise atenta feita aos textos produzidos pelos nossos respondentes alguns aspectos ressaltaram de imediato.

O primeiro aspecto que iremos referir é aquele que se prende com a amizade – *professor – amigo/relação próxima*. É, em nosso entender, talvez aquele que perpassa em todos os textos dos alunos dos diferentes anos de escolaridade, dos diferentes ciclos de ensino e de idades diversas e em que a linguagem utilizada é a mais próxima.

Assim, para uns, o professor é simplesmente amigo (19 anos, 11º ano), para outros, é aquele que para além de um grande amigo está sempre pronto a ajudar (11 anos, 5º ano), é aquele que sabe ouvir os problemas dos alunos (18 anos, 11º ano) ou como nos dizia um aluno do 11º ano com 17 anos, um bom professor é aquele que “tem os alunos não só como alunos mas também como amigos” e que para além de ter os alunos como amigos os “acompanham onde quer que vão” (10 anos, 5º ano) em termos concretos ou simbólicos, no dia a dia da vida escolar ou no dia a dia da vida de cada um. E atrevemo-nos a afirmar isto porque, no dizer de um aluno do 11º ano que afirma ter 17 anos, um bom professor é “aquele que passados alguns anos ainda se lembra de nós e continua a ser carinhoso” o que significa que a relação que se estabeleceu entre professor e aluno é algo de mais sólido e duradouro que o mero conhecimento de um ano e, portanto, deixamos a relação profissional para passarmos à relação pessoal de acompanhamento de vida ou ainda, como nos dizia um aluno do 5º ano que tem 11 anos, o bom professor também é o que “nos faz ver o lado melhor das coisas” ou, então, o que é “um ‘pai’ na escola” (16 anos, 10º ano).

A relação profissional de amizade, essa que o bom professor desenvolve no dia a dia da vida escolar, é aquela que pode ser descrita através do uso das palavras daquele aluno de 11 anos e que frequenta o 5º ano de escolaridade que afirma que o bom professor é aquele que nos “ensina quando nós vamos para a escola primária sem sabermos ler, sem sabermos escrever e sem sabermos nada, eles (os professores) é que são os nossos verdadeiros amigos”.

É também o que, porque é nosso amigo, está sempre disponível para “nos ajudar quando precisamos” (18 anos, 10º ano) ou que “não é aquele que quando acaba de dar uma aula já não quer saber dos alunos, mas sim aquele que se preocupa com os alunos na aula e depois das aulas” (18 anos, 11º ano) ou que “não trata os alunos como números e compreende que os alunos não são máquinas” (15 anos, 10º ano).

Um bom professor é um amigo que, como afirmava um aluno do 7º ano, é o “companheiro nas horas difíceis” (12 anos) e que tem uma boa relação com os alunos (12 anos, 7º ano) e que finalmente é capaz de ser amigo ao ponto de, como dizia aquele outro aluno de 11 anos que frequenta o 5º ano, “falar a nossa língua, como por exemplo: curtir, bazar, ‘tasse bem, tasse by’”.

Muitos outros exemplos poderiam ser listados daquilo que são os textos dos alunos mas, recorrendo de novo a Moliner, iríamos dizer a mesma coisa utilizando palavras diferentes. O que nos parece importante é que a imagem que nos fica de um professor é a imagem do profissional, pessoa que age e interage com os outros entendendo-os como “pessoas” (16 anos, 10º ano), que estabelece fortes e duradouras relações pessoais, que está disponível para “ouvir” (20 anos, 11º ano) e para acompanhar os alunos em qualquer momento da sua vida pessoal ou escolar. Que com os alunos estabelece uma relação próxima, quase de cumplicidade. Enfim que estabelece com os seus alunos uma relação tal que justifica plenamente a afirmação de Teixeira de que “o professor é um ser de relação”.

O segundo aspecto que passaremos a referir e que enquadrámos na grande categoria aspectos afectivos é aquele que nos dá a imagem do *Professor – encorajador*.

E para falar deste aspecto cremos que a ideia que nos transmite um aluno do 11º ano que tem 19 anos será a ideia leitmotiv das afirmações produzidas sobre este assunto. Assim, para esse aluno, um bom professor é aquele que “deve saber que, em vez de dar ‘a faca e o

queijo’, aos alunos lhes deve dar a ‘fome’, a fome de saber leva os alunos a procurar pelos seus próprios meios as matérias que têm de aprender...”.

Um bom professor será, portanto, aquele que insufla nos alunos a confiança em si próprios e o desejo de “crescer”, que lhes permita ter vontade de caminharem se necessário for sozinhos para aprenderem, ou como dizia um outro aluno do 11º ano com 17 anos, um bom professor é aquele “que nos dá força para continuar em frente”, é aquele que “quando entra na sala de aula nos transmite bastante segurança e vontade de aprender e que tem bastante vontade de ensinar” (18 anos, 11º ano), é aquele que encoraja os alunos através do incentivo ou que, como dizia um aluno do 6º ano com 12 anos, “elogia os alunos quando tiram boa nota nos testes ou quando fazem uma boa acção”.

Um bom professor será, pois, na opinião dos nossos respondentes alguém “que não se preocupa com os alunos só dentro da sala de aula. Deve tentar simpatizar com os alunos para que estes se sintam ‘à vontade’ dentro da sala de aula e não tenham vergonha em colocar questões e dúvidas. Não se deve preocupar única e exclusivamente com a matéria do programa, tentando em primeiro lugar criar um bom ambiente dentro da sala de aula. Acho que a simpatia num professor é fundamental para um bom trabalho; os alunos sentem-se à vontade assim como o professor” (18 anos, 11º ano).

Por fim, um bom professor é aquele que nos encoraja, que nos faz querer ser tal como afirma um aluno do 12º ano, quando diz que um bom professor é “aquele que dá sem receber. Que nos faz crescer e perceber. E que nos ajuda a aprender” (18 anos).

O terceiro aspecto afectivo a que nos vamos referir é aquele que nos apresenta o *professor – ajuda pessoal /compreensão*.

Se em termos da pergunta sobre as qualidades dos professores de que mais gostaram os alunos nos afirmaram que uma das qualidades mais pertinentes na construção de uma

imagem positiva era a dos professores compreensivos, nesta questão os alunos não se eximiram em mencioná-la de muitas e variadas formas.

Talvez a forma mais simples seja aquela que foi utilizada pelo aluno de 10 anos que frequenta o 5º ano e que diz que um bom professor é aquele que “se preocupa com os nossos problemas” ou que, como dizia um aluno do 11º ano com 17 anos, “compreende os alunos e os seus problemas”. Como podemos ver por estes dois exemplos esta é uma imagem que perpassa e que é veiculada da mesma forma pelos alunos mais novos ou pelos alunos mais velhos.

Para além desta forma simples de expressar o sentimento de que um bom professor tem de ser compreensivo com os problemas dos alunos em geral encontramos, ainda, alunos que exprimem esta mesma imagem através de afirmações como as que apresentamos de seguida. Assim um bom professor será aquele

“ que se preocupa por ver o que se passa connosco de forma a ajudar-nos a passar determinados problemas” (17 anos, 11º ano)

“ que é capaz de ter grandes conversas com os alunos, de os ajudar nas suas dificuldades e capaz de ouvir” (18 anos, 12º ano)

“para quem não basta preocupar-se só com as notas mas também com o bem estar do aluno”(19 anos , 11º ano)

“que se preocupa não só com os resultados escolares mas também com os nossos problemas pessoais” (17 anos, 11º ano).

Por último a quarta subcategoria a que nos iremos referir é a que respeita ao *professor – respeitador*.

Respeitar e ser respeitado parece ser, para os nossos inquiridos, algo de importante que releva do tipo de relação que se estabelece entre professores e alunos. Esta será mais uma

característica, um aspecto que contribui para a construção da imagem, da representação de um bom professor.

A atestar a nossa afirmação estão as opiniões dos alunos que nos dizem claramente que um bom professor é “alguém que impõe respeito dentro da sala de aula e, ao mesmo tempo, que se preocupa com cada um dos seus alunos individualmente” (16 anos, 11º ano). É também o que “é amigo dos seus alunos mas mantendo o respeito entre ambos” (18 anos, 11º ano).

A relação próxima que o professor estabelece com os alunos e que lhes permite ganhar e ter o respeito dos alunos é uma relação que se baseia no entendimento claro do que são as regras de convivência, na reciprocidade de comportamentos correctos e mesmo amigáveis. Ora na opinião dos nossos respondentes um bom professor será aquele que “respeita e gosta de ser respeitado, impondo regras” (18 anos, 11º ano) que consegue manter o respeito “entre o aluno e o professor sem ferir ambas as partes” (19 anos, 11º ano). Será aquele que “quando está para brincar brinca que quando é para estudar estuda e não deixa que os meninos se portem mal” (10 anos, 5º ano). O respeito de que o professor é merecedor e devedor dos alunos é ainda aquele que se constrói através de atitudes que mostram que um bom professor não “goza com os alunos que não sabem os problemas” (19 anos, 11º ano) mas que consegue “dentro da sala de aula ‘jogar’ com a brincadeira e o trabalho, impondo assim um respeito muito diferente daquele que por vezes é pedido e desnecessário” (16 anos, 10º ano). É também aquele que será capaz de apoiar as “nossas ideias e que se não estiver de acordo que faça críticas que nos ajudem a melhorar e não para nos deitar abaixo a moral” como afirma um aluno de 17 anos que frequenta o 10º ano. Enfim, um bom professor é o que “respeita os alunos” (19 anos, 11º ano), é o que “tem respeito pelos alunos e vice versa” (16 anos, 11º ano).

Como foi possível ver ao longo destes aspectos afectivos que enunciámos existe uma ligação que nos parece ser mais ou menos estreita com aspectos que se prendem com o exercício da profissão. Se é verdade que professor é ser de relação esta relação não se fica apenas pela relação próxima, pela relação de amizade, de encorajamento, de respeito pelos outros. O ser de relação é um ser que desenvolve atitudes e comportamentos complexos que extravasam o campo afectivo e passam aos **aspectos profissionais** que nos propomos analisar de seguida.

Assim e para começarmos esta nossa tarefa entendemos, após a análise dos textos produzidos pelos nossos respondentes que o aspecto que vê o profissional da educação como *professor – ajuda escolar* contribuirá para a construção da imagem do bom professor.

As dificuldades nas aprendizagens, na compreensão das matérias são alguns dos aspectos que preocupam os alunos e que no seu entender mostram até que ponto o professor é ou não um bom professor. Bom professor será pois o que “ajuda os alunos com mais dificuldade nas suas disciplinas” (18 anos, 11º ano), o que “que explica a matéria devagar como se fosse a uma criança e que não mostra indiferença quando o aluno faz ou tem uma dúvida” (20 anos, 12º ano), será também, no dizer de um aluno de 13 anos que frequenta o 7º ano, o que “se preocupa com o que os alunos não perceberam da matéria e ajuda os que não perceberam”, o que “se preocupa com os alunos quando eles baixam a nota pergunta porquê e tenta compreender e dá-nos um voto de confiança” (19 anos, 11º ano).

Finalmente um bom professor é aquele que “tem em atenção o nível e o ritmo de aprendizagem do aluno” (19 anos, 11º ano) e que exactamente porque respeita ritmos e aprendizagens é capaz de se mostrar “preocupado se o aluno percebeu bem a matéria” (17 anos, 10º ano) e que, como afirma o aluno de 18 anos do 11º ano, “tira todas as dúvidas” ajudando os alunos sem dar mostra ou “sem pensar que é superior aos alunos” (17 anos, 11º ano).

Um outro aspecto referido pelos alunos e que directamente respeita ao exercício da profissão é o que denominamos de *professor – conhecedor /detentor do saber*.

Será talvez este o aspecto que para muitos, sejam alunos, pais ou população em geral corresponderá mais à imagem do professor, detentor de saber ou saberes e consequentemente transmissor de saberes. Se este, como dissemos, pode ser o entendimento a imagem que se tem do professor profissional, parece-nos que os nossos respondentes ultrapassam esta visão redutora do profissional da educação.

Para um aluno de 18 anos e que frequenta o 11º ano o bom professor é o que é “capaz de transmitir o seu conhecimento da disciplina e da vida” dando-nos, portanto, uma perspectiva que alarga a visão do professor de detentor/transmissor de saberes para o que sabe ser, sabe estar e que é capaz de ajudar o aluno a saber ser e a saber estar também. De acordo com esta opinião está um aluno de 10º ano que tem 16 anos e que afirma que um bom professor é aquele que não “dá só matéria mas também fala de outras coisas”.

Um bom professor para alguns dos nossos respondentes é aquele que detém um conjunto de saberes tão vasto e variado que quase diríamos é comparável a um génio da Idade Média que dominava a prática totalidade dos saberes conhecidos. A atestar esta nossa afirmação está a declaração de um aluno de 11 anos que frequenta o 6º ano que afirma que um bom professor “sabe tudo” ou de um outro que tem 20 anos e que frequenta o 11º ano e que diz que bom professor é o que “não tem medo de falar de qualquer assunto”.

Uma outra perspectiva é aquela que nos é veiculada pelos alunos que nos dizem que um bom professor “não debita a matéria mas ensina” (19 anos, 11º ano), “que ensina bem” (13 anos, 6º ano) ou explica muito bem (13 anos, 7º ano) e que ao fazê-lo tem “muita paciência” (11 anos, 5º ano). Para outros ainda o bom professor “tem bons métodos de

ensino” (13 anos, 7º ano) e é capaz de, como nos afirma um aluno do 11º ano que tem 17 anos, “explicar a matéria, arranjar novas propostas de trabalho mais interessantes”.

Parece-nos, pois, ser possível dizer que para os nossos respondentes um bom professor para além de deter o saber específico da disciplina que lecciona detém ainda um conjunto mais vasto de saberes que vão desde os conhecimentos científicos ou académicos aos que respeitam ao saber estar com os outros ao saber construir, gerar interações e que são também capazes de fazer os alunos crescer em termos deste leque vasto de conhecimentos.

Esta imagem do professor – conhecedor/detentor do poder parece-nos, no entanto, só ter expressão plena na conjugação deste atributo com o atributo *professor – gosto de ensinar*.

E se esta é uma representação que temos enquanto docentes que sentem prazer na partilha diária dos conhecimentos que detêm e que os alunos que leccionam detêm parece-nos partilharmos esta representação com os nossos respondentes. Como nos dizia um dos alunos que está no 11º ano e tem 19 anos, um bom professor é o que “gosta do que faz e com isso ajuda o aluno a sentir-se bem consigo e à vontade” ou ainda, como diz um outro aluno, um bom professor poderá ser aquele que “sabe explicar bem a matéria, que o faz de maneira educativa, mas também divertida para que a aula dele/a não se torne monótona” (15 anos, 10º ano).

O prazer em ensinar, o gosto pela profissão e até a vocação são alguns dos outros aspectos utilizados pelos alunos que constituem a nossa amostra. Para eles um bom professor é “aquele que tem prazer em ensinar” (18 anos, 11º ano) é aquele que se distingue de todos os outros quando “gosta realmente da profissão que exerce” (19anos, 12º ano) ou que tem “motivação e vocação para ensinar” (17 anos, 11º ano) até porque, de acordo com um aluno de 20 anos que frequenta o 11º ano, um bom professor ou “tem vocação, gosto por aquilo que está a seguir ou se assim não for nunca será um bom professor”.

E se o professor gosta, tem prazer em ensinar será, em nosso entender, capaz de fazer com que os seus alunos tenham eles próprios prazer e gosto pelo que aprendem. No sentido de procurarmos ver se esta nossa representação encontrava eco nas representações dos alunos sobre o que é ser bom professor iremos de seguida procurar saber o que nos disseram os alunos sobre o *professor – estimula / cativa*.

Um dos nossos respondentes que tem 18 anos e que frequenta o 11º ano afirmou que para ele um bom professor é “alguém que brinca com a matéria, faz de uma aula algo em que se pode conviver e não algo que seja mau”, para outro, que está no mesmo ano de escolaridade mas que tem 22 anos, um bom professor “tenta arranjar formas novas para cativar os alunos e despertar o seu interesse” ou ainda é o que dá “as aulas de uma maneira divertida” (12 anos, 6º ano), o que faz com que os alunos despertem “a atenção e interesse “ (16 anos 10º ano).

Para além de afirmarem que na sua perspectiva um bom professor é capaz de lhes despertar o interesse e de os cativar para as aulas os nossos respondentes apresentam-nos, ainda, um conjunto de razões que permitem compreender de que forma um bom professor lhes desperta o gosto, o interesse estimula e cativa que passam pelo ser capaz de fazer aulas diferentes, dinâmicas, pela utilização de estratégias variadas e pela criação de um bom ambiente de trabalho e pela capacidade de ter boa disposição.

Vejamos, de seguida, o que nos disseram alguns alunos sobre cada um destes aspectos. Assim e no que respeita à capacidade de fazerem aulas diferentes e dinâmicas alunos de diferentes anos e idades afirmaram:

Actuações dos professores que estimulam e cativam		Idade	Ano de escolaridade
	Acima de tudo que não dê aulas para nós adormecermos. Que de vez em quando	17	11º

Aulas dinâmicas	modifique a maneira de dar as aulas, que consiga transmitir os seus conhecimentos		
	Que não é monótono	17	11º
	Dar as aulas de uma maneira divertida	12	6º
	Que exprime as suas ideias com facilidade	12	6º

A utilização de estratégias variadas foram outros dos aspectos mencionados pelos alunos para ilustrarem actuações dos professores que estimulam e cativam tendo para o efeito utilizado expressões como

Actuações dos professores que estimulam e cativam		Idade	Ano de escolaridade
Diferentes estratégias	Cria várias maneiras de dar as aulas, com debates, trabalhos de grupo, dá aulas ao ar livre	17	11º
	Inovador	18	11º
	Inovador no método de trabalho	18	10º
	Elogia os alunos quando tiram boa nota e dizem que "eras capaz"	10	5º

Quanto à capacidade de criar um bom ambiente de trabalho e de serem capazes de expressar uma disposição positiva para a aprendizagem, alguns alunos dizem que um bom professor é aquele que

Actuações dos professores que estimulam e cativam		Idade	Ano de escolaridade
Boa disposição / Bom ambiente	De vez em quando dá umas piadas nas aulas para que as aulas não sejam uma seca	19	11º
	Incentiva os alunos com pequenas piadas para os ajudar a compreender e a interessar-se pela matéria que está a dar	18	10º
	Que promove um bom ambiente na sala de aula	17	11º
	Cria um bom ambiente de trabalho	19	11º
	Torna as aulas harmoniosas	17	11º
	O professor deve sempre evitar um ambiente pesado dentro da sala de aula para que as		

	aulas não se tornem monótonas e aborrecidas	18	11º
--	---	----	-----

Por último e porque nos parece que os alunos são bem mais eloquentes quando apontam as razões que os fazem ter uma representação do que é ser bom professor procuramos tentar resumir o que até aqui dissemos sobre o professor – estimula/cativa com as palavras do aluno de 17 anos que frequenta o 11º ano e que nos diz que um bom professor é aquele que “ensina e aprende com os alunos, que faz das aulas um lugar agradável”.

Ensinar e aprender num espaço que possa ser ao mesmo tempo o espaço tradicional da aprendizagem e o espaço em que o tempo é também lazer e prazer parecem ser aspectos que conseguidos poderão contribuir para a construção da imagem do bom professor. Porque assim o entendemos parece-nos ser chegado o momento de tentar conhecer o que pensam os alunos sobre o *professor - que equilibra interesse e prazer*.

Assim para um aluno de 12 anos que está no 6º ano de escolaridade os professores “para serem bons também devem brincar um pouco”, introduzir na suas aulas aspectos que *fascinam* como nos afirma um aluno do 5º ano que tem 11 anos quando diz que os bons professores “falam-nos de coisas fascinantes que nos interessam bastante”. Para um aluno do 7º ano um bom professor é ainda aquele “mostra filmes sobre as matérias que estudamos” (12 anos) ou que, no entender do aluno de 11º ano que tem 19 anos, “arranja tempo para a diversão, mas quando está a dar a matéria é rigoroso e não admite interrupção” ou “participa com os alunos nas funções extra curriculares” (18 anos, 11º ano).

Depois desta análise dos aspectos profissionais podemos afirmar que, as respostas que os alunos inquiridos nos deram na pergunta aberta estão em sintonia com os resultados obtidos nas questões relativas às qualidades dos professores de que os alunos mais gostaram e das características negativas de professores de que não gostaram (questões 10 e 11 do questionário). Os aspectos afectivos aprecem-nos assim como os que contribuíam fortemente para a construção das representações dos alunos sobre os professores, sobre o Bom professor.

Mas os alunos que constituem a nossa amostra afirmaram ainda que as diferentes vertentes do exercício profissional - que vão desde o reconhecimento do professor como fonte facilitadora do saber até instrumento propiciador de aquisição dos outros tipos de saber passando pelas estratégias variadas e diferentes que se aventam de importantes, à boa disposição com que se dão as aulas ao estimular e cativar os alunos para a realização das aprendizagens necessárias -, são factores que contribuem para a construção de uma representação de professor como ser global que se constrói na dualidade afectividade/profissionalismo, embora tenham atribuído uma menor importância a estes aspectos (44%) do que aos aspectos afectivos (56%).

Sem deixarmos de falar dos aspectos profissionais do exercício da profissão entendemos ser tempo de reflectirmos um pouco sobre aqueles aspectos que relevando das interacções, dos comportamentos de cada profissional constituem parte importante das representações que cada um tem de si e dos outros. Falamos, pois dos **aspectos comportamentais profissionais** que para efeitos da análise das respostas que obtivemos subdividimos nos aspectos ligadas à justiça, à equidade e ao exercício da autoridade.

Enquanto professora do 2º ciclo sempre nos habituamos a ouvir e a experimentar a capacidade aguda que os nossos alunos – mesmo os mais jovens – têm de julgar os outros, de se julgar a si próprios, aos seus comportamentos, atitudes e desempenhos escolares. Consideramos, por isso, que quem tem a capacidade de, com justeza, julgar será capaz de apreciar a capacidade de julgar dos professores e de encarar como uma das vertentes formativa da sua representação do que é ser bom professor a faceta que denominamos de *professor – justo*.

Não foi para nós, portanto, surpresa encontrar um conjunto vasto de respostas em que esta faceta se encontra explicitada. Assim, se para uns ela se expressa simplesmente através de um bom professor ser “justo” (19 anos, 11º ano) para outros, esta faceta estará ligada

essencialmente à avaliação. Exemplo disto é o que um aluno do 7º ano que tem 13 anos afirmava : um bom professor é “aquele que é justo nas notas” ou que, como dizia um outro aluno do 11º ano que tem 17 anos, um bom professor tem a capacidade de em conjunto com o aluno encontrar a medida justa até porque “avalia os alunos todos da mesma forma e tem sobretudo um bom senso de justiça e de cooperação com o aluno”

Aliada a esta faceta da justiça, da capacidade de avaliar os alunos todos da mesma forma estará uma outra faceta que é a que se relaciona com a equidade, isto é, com a capacidade de tratar os alunos de *igual* modo, de ser imparcial (17 anos, 11º ano), com a capacidade de ser “correcto acima de tudo” (17 anos 11º ano) na sua relação com os alunos. Esta faceta é uma das referidas pelos alunos como contribuindo para a representação de um bom professor - *professor – equitativo*.

Um aluno do 7º ano que tem 13 anos diz-nos que um bom professor trata todos por igual dando atenção a todos mesmo àqueles alunos que “não são tão bons” outro, com 16 anos e frequentando o 10º ano, entende que um bom professor não tem “alunos preferidos” um bom professor “trata os alunos todos da mesma forma (cada caso é um caso)” e não exclui “os mais fracos para ajudar os que têm um óptimo aproveitamento escolar” (17 anos, 10º ano).

O terceiro aspecto ou faceta dos comportamentos profissionais de que nos serviremos na análise das respostas obtidas é o que se relaciona com o exercício da autoridade.

Muito se tem falado e discutido em vários fóruns a autoridade exercida pelos professores e parece-nos que pouco temos reflectido ou procurado compreender como vêem os alunos o exercício da autoridade pelos docentes. . São eles mesmos, os alunos que nos dão através dos textos que elaboraram e que referem o aspecto *professor – exercício de autoridade* uma ideia de como a autoridade que os professores exercem contribui para a construção da imagem que têm de um bom professor.

De novo este é um dos aspectos que alunos mais novos ou alunos mais velhos tratam de forma quase idêntica.

Parece-nos ser consensual a necessidade apontada pelos alunos de que um docente tem de equilibrar os seus comportamentos demonstrando mesmo alguma flexibilidade nas suas actuações. Isto mesmo nos diziam aqueles alunos dos 5º, 8º e 11º anos quando afirmavam que um bom professor demonstra ter “boa disposição na sala de aula sem deixar os alunos abusarem” (10 anos), “sabe brincar quando deve, mas também impõe respeito quando necessário” (14 anos) e é “aquele que quando deve brincar com os alunos brinca e quando tem de dar matéria impõe respeito” (17 anos). Estes comportamentos que mostram quão equilibrados podem ser os docentes nas suas relações, quão apreciados são aqueles que sabem gerir o tempo do prazer, do interesse e o tempo do trabalho encontram algum eco na imagem de que o professor terá uma especial apetência para compreender o que sentem, pensam os seus alunos, terá uma especial apetência ou capacidade de encarnar mesmo o papel do aluno. Por isso, como diz o aluno do 8º ano que tem 14 anos, um bom professor “aceita de vez em quando o mau comportamento dos seus alunos”, “é bom quando tem que ser e é mau quando tem que ser e também tenta sempre passar para o papel do aluno” (18 anos, 10º ano) e embora “quando é preciso dá castigos severos” (10 anos, 5º ano) “é uma pessoa que não precisa de agredir para educar, disciplinar e ensinar” (12 anos, 6º ano).

Observando o que nos dizem os nossos respondentes parece-nos ser possível concluir que a construção da imagem do que é um bom professor passa pelo facto de os professores terem a capacidade de serem justos na forma como avaliam os seus alunos, justos na forma como com eles se relacionam; por justos queremos significar aqueles que são capazes de tratar equitativamente as situações e os alunos, que não fazem distinção em termos do tratamento dispensado porque um aluno tem melhores resultados escolares do que o outro, porque tem a cor da pele diferente, porque pensa e sente diferentemente. Um bom professor é,

também, aquele que exerce o poder que lhe está atribuído de forma equilibrada, que sabe quando punir e quando recompensar.

Finalmente e na opinião dos nossos respondentes o bom professor é uma pessoa, com as complexidades provenientes do equilíbrio que diariamente se faz ou procura fazer da dualidade afectos/racionalidades. No entanto, para os nossos respondentes um bom professor é alguém que “acima de tudo é verdadeiro, é ele mesmo” (22 anos, 11º ano), tem “um espírito jovem” (17 anos, 10º ano) e preocupa-se “com uma formação geral educativa” (17 anos, 11º ano). Esta preocupação com uma formação global do aluno, uma formação que não passa unicamente pelas aprendizagens esperadas em termos académicos, mas sim, também, pelas aprendizagens necessárias para que o aluno possa simplesmente ser, para que o aluno possa ser um cidadão (17 anos, 11º ano). O bom professor é, ainda, aquele que “ensina a viver” (17 anos, 11º ano) que ajuda os alunos a encontrar os seus caminhos de futuro sendo até considerado por alguns deles como “o passaporte para a minha vida profissional” (20 anos, 11º ano). Em suma o bom professor é “alguém muito importante na nossa vida” (13 anos, 7º ano).

Após a análise das respostas dadas pelos alunos que constituem a nossa amostra parece-nos ser possível dizer que a representação que os alunos têm dos professores, é a de que os docentes são seres de relação que indissociavelmente têm de ser entendidos em duas vertentes - a da pessoa e a do profissional.

Enquanto pessoa o bom professor cultiva, desenvolve relações de amizade com os seus alunos; é, portanto, amigo, compreensivo dotado de uma capacidade de ouvir que lhe permite ajudar os alunos a resolverem problemas do foro pessoal.

Em segundo lugar o bom professor tem um conjunto de capacidades que, em termos pessoais, o distingue dos outros actores. Assim, um bom professor encoraja os seus alunos a aprender, a descobrir em conjunto consigo ou sozinho novos caminhos de aprendizagem,

aprendizagem esta que tanto pode ser referente às matérias escolares como a aspectos de crescimento pessoal. Um bom professor ajuda, compreende, respeita e é respeitado.

Enquanto profissional um bom professor, na perspectiva dos nossos respondentes, detém um conjunto considerável de saberes, sabe ser e sabe estar, propiciando aos alunos a aquisição de competências similares não apenas numa perspectiva de transmissividade mas, acima de tudo, numa perspectiva que o vê como o facilitador de aprendizagens. E este papel de facilitador estará também associado ao facto de o bom professor ter gosto, prazer pelo que faz, sendo capaz ele próprio de despertar esse mesmo gosto e prazer, estimular e cativar os alunos para as disciplinas ou matérias que leccionam até porque são capazes de equilibrar interesses e prazeres.

Um bom professor é aquele que tem um sentido de justiça apurado, que avalia correctamente os seus alunos e que não distingue em termos de tratamento quer por questões de raça, credo ou religião quer pelos resultados escolares que obtêm.

Por último, um bom professor é aquele que sabe gerir os momentos de distensão e os momentos de trabalho que impõe regras sem atropelar os outros.